



**Álvaro Luiz Maritan de Aboim Costa**

**O Saci e o Curupira são heróis?**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Valter Sinder

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Maria Candida Vargas Frederico

Rio de Janeiro  
Março de 2025



**Álvaro Luiz Maritan de Aboim Costa**

## **O Saci e o Curupira são heróis?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof. Valter Sinder**

Orientador

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Maria Candida Vargas Frederico**

Coorientadora

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Maria Sarah da Silva Telles**

Pesquisadora Autônoma

**Prof. Felipe Sússekind Viveiros de Castro**

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 31 de março de 2025

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

## **Álvaro Luiz Maritan de Aboim Costa**

Graduou-se em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2021.

### Ficha Catalográfica

Costa, Álvaro Luiz Maritan de Aboim

O Saci e o Curupira são heróis? / Álvaro Luiz Maritan de Aboim Costa ; orientador: Valter Sinder ; coorientadora: Maria Candida Vargas Frederico. – 2025.

62 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2025.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. Saci. 3. Curupira. 4. Colonialismo. 5. Folclore. I. Sinder, Valter. II. Frederico, Maria Candida Vargas. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. IV. Título.

CDD: 300

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais Roseli e Luiz Guilherme, meu irmão João Luiz, minha tia Lucia e a toda minha família.

Agradeço aos meus amigos em especial Vinicius Valiante, Lucas Monet, Pedro Kurtz, Artur Pereira Gay e Yagoo Moura.

Ao Departamento de Ciências Sociais ao meu orientador Valter Sinder, a coorientadora Maria Candida Vargas Frederico e aos membros da banca tendo sido aluno de ambos Sarah Silva Telles e Felipe Sussekind.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## **Resumo**

Costa, Álvaro Luiz Maritan de Aboim; Sinder, Valter; Frederico, Maria Candida Vargas. **O Saci e o Curupira são heróis?** Rio de Janeiro, 2025. 62p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente Dissertação pretende investigar se o Saci e o Curupira são heróis. Em um primeiro momento, a pesquisa irá analisar o autor Monteiro Lobato e o que ele escreveu sobre folclore. Em um segundo momento, a pesquisa irá analisar a produção áudio visual Cidade Invisível (2021), de Carlos Saldanha, estabelecendo a relação entre a crise ecológica e a necessidade do retorno do Saci e do Curupira. O trabalho chega a ideia de negros no mundo para formular que tipo de heróis são classificados o Saci e o Curupira.

## **Palavras-chave**

Saci; Curupira; Colonialismo; folclore.

## **Abstract**

Costa, Álvaro Luiz Maritan de Aboim; Sinder, Valter (Advisor); Frederico, Maria Candida Vargas (Coadvisor). **The Saci and Curupira are heroes?** Rio de Janeiro, 2025. 62p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present dissertation intends to investigate if Saci and Curupira are heroes. In one first moment, the research will analyse the actor Monteiro Lobato and what he wrote about folklore. In one second moment, the research will analyse the audiovisual productions *Cidade Invisível* (2021), by Carlos Saldanha, establishing the relationship between the ecological crisis and the necessity the return of Saci and Curupira to the contemporary world. The present job arrived at the idea of black in the word to express what kind of heroes the Saci and Curupira can be classified.

## **Keywords**

Saci; Curupira; Colonialism; Folklore.

## Sumário

Introdução .....	9
1. O Brasil e seu folclore.....	13
2. O retorno a uma ancestralidade .....	32
3. Considerações Finais .....	59
4. Referências bibliográficas .....	61

## Lista de figuras

Figura 1: Representação contemporânea do Curupira. ....	16
Figura 2: Representação contemporânea do Caipora.....	17
Figura 3: Representação contemporânea do Saci. ....	18
Figura 4: Representação contemporânea da Matita Perera.....	18
Figura 5: Cena da Série Cidade Invisível. ....	33
Figura 6: Cena da Série Cidade Invisível. ....	34
Figura 7: Cena da Série Cidade Invisível. ....	34
Figura 8: Cena da Série Cidade Invisível. ....	34
Figura 9: Cena da Série Cidade Invisível. ....	35
Figura 10: Cena da Série Cidade Invisível. ....	35
Figura 11: Cena da Série Cidade Invisível. ....	35

## Introdução

A presente dissertação tem como objetivo procurar compreender se o Saci e o Curupira são heróis e que tipos de heróis eles seriam, nesse sentido o presente trabalho se baseia em análise bibliográfica e referências de áudio visual, tendo como base principal. O trabalho chega à conclusão que tais heróis seriam classificados como negros no mundo, no sentido de não se adaptarem ao sistema colonial. Nesse sentido atores sociais como os povos indígenas seriam negros no mundo, no sentido de não se adaptarem ao sistema colonial.

Disso resulta uma estética da repetição, uma uniformização das plantas, das maneiras de consumir, de se vestir e de pensar o mundo. Quer se trate de plantações agrícolas ou de fábricas, o Plantationoceno lança uma luz sobre as violências humanas dos locais de produção, sobre as hierarquias raciais e misóginas, sobre as desigualdades, sobre as formas de escravidão e de miséria operárias, sobre os riscos sanitários mecânicos e tóxicos, expondo a produção política de Negros do mundo: seres cuja exploração e misérias sociais são conjugadas a uma exclusão do mundo. (FERDINAND, 2022, p 67).

Ao analisar o livro de Monteiro Lobato *O saci* e a série *Cidade Invisível* de Carlos Saldanha, observa-se que a obra de Monteiro Lobato é analisada tendo como base a ideia de nação, sendo importante ter em mente a formação da ideia de Brasil e como Monteiro Lobato se encaixa no contexto da formação de tal conceito. O segundo capítulo tem como reflexão a série *Cidade Invisível*, tendo como base as discussões contemporâneas sobre a ecologia, que é uma marca do Curupira. Assim como o valor do ócio presente no Saci.

O Curupira tem como função proteger a natureza, algo valorizado nos povos indígenas presentes na sociedade brasileira. O Saci é representado por Monteiro Lobato como um personagem negro. Logo, possui as raízes da população africana que foi escravizada e sofre racismo no Brasil contemporâneo. Ao falar de Monteiro Lobato, é importante que se estabeleça uma relação entre a sua obra literária e o período histórico correspondente ao momento em que houve no Brasil a abolição da escravidão. Observa-se que o Saci de Monteiro Lobato foi construído a partir de depoimentos do mundo rural.

Ao considerar o tipo de conhecimento ligado ao folclore, nota-se que esse não é um conhecimento acadêmico. Existia entre os folcloristas a ideia de que o folclore precisava ser institucionalizado. Intelectuais como Mário de Andrade desejavam descobrir a identidade nacional pelo folclore. Em períodos históricos presentes na história do Brasil, entre os quais se destaca a Proclamação da República, existia a ideia de que o sangue negro poderia contaminar a sociedade brasileira. O embranquecimento era um ideal a ser alcançado no começo do século XX na sociedade brasileira.

Ao se formar um sentimento de nação os folcloristas defenderam a ideia de que o Brasil só é singular por ser mestiço. Os folcloristas defendiam que a modernização apagava a essência da cultura. Logo, até mesmo na Europa literatos famosos, dos quais se destaca os Irmãos Grimm, procuravam entender a essência dos camponeses. Folcloristas como Silvio Romero abriram caminho para o período literário correspondente ao modernismo.

A modernidade foi construída com a ideia de progresso. A série Cidade invisível em sua primeira cena começa com o diálogo acerca do desaparecimento do Curupira e da floresta. Desse modo, a ideia de progresso traz com ela o desaparecimento da natureza. No primeiro momento em que o Saci aparece na série, esse rouba pão com queijo em um bar na Lapa, bairro localizado no centro do Rio de Janeiro, mostrando a ideia do malandro. O curupira aparece na série como uma entidade que aos poucos precisa retornar. Ambos os personagens surgem como uma crítica à colonização.

Ao considerar a ideia de herói é importante pensar nos famosos super heróis, dentre os quais se destaca o Super Homem. O Super Homem possui semelhanças com heróis gregos como Hércules, desse modo esse está para além de um ser humano comum, possuindo habilidades como atravessar o espaço na velocidade da luz, o que na realidade factual é impossível a qualquer ser humano. A ideia de herói é classificada por intelectuais dos quais se destaca Veyne (1983) e Eco (2011) como seres que sobreviveram ao longo do tempo, desse modo a habilidade do Super Homem de atravessar o espaço em velocidade da luz indica de forma clara a ideia do heroísmo.

O Curupira e o Saci são heróis que vão contra o sistema colonial devido a valores como a ecologia e o ócio. Desse modo, é importante refletir sobre a importância de tais valores no mundo contemporâneo. Super heróis como o Super Homem, Peter Pan, Hércules entre outros pertencem ao mundo dos brancos, desse modo refletem uma realidade branca e colonizadora. A ideia de negros do mundo, de Malcom Ferdinand (2022), parte de uma não adaptação ao processo histórico da colonização. O herói folclórico é um herói que resgata uma ancestralidade que o sistema colonial tenta negar. A modernidade é formada historicamente no colonialismo.

A realidade do sistema colonial, segundo Ailton Krenak (2022), tem como base o distanciamento da natureza, de modo que hábitos como pegar frutas do pé ou tirar leite da vaca vão se perdendo. O homem colonial é um homem distante da natureza, essa distância fez com que realidades como a usina de Belo Monte pudessem em um passado recente ter feito parte da realidade brasileira. Povos tradicionais como os Caiçaras são ameaçados com a especulação imobiliária, de modo que o colonialismo é uma realidade no presente que destruiu não apenas povos, dentre os quais se destacaram ao longo da história os Maias e os Astecas, como também a natureza. Os deuses indígenas assim como os orixás presentes nas religiões de matriz africana são classificados como negros do mundo, no sentido de serem atores sociais que não se adaptam ao processo histórico da colonização.

Ao olhar a arquitetura contemporânea observa-se que as cidades do mundo moderno possuem origem na pólis do mundo antigo, que se caracterizou por uma distância com relação à natureza. O processo de urbanização no Brasil se constituiu de indivíduos que saíram do campo para que atores sociais como o agronegócio pudessem dominar a geografia agrária brasileira, gerando desigualdade. Desse modo, o sistema colonial esteve presente na formação histórica do Brasil, desde a sua formação com o extermínio de povos indígenas e com a escravidão imposta à população negra. Assim como no passado recente em que famílias no ambiente rural tiveram que deixar suas terras para a ganância do agronegócio.

A crise ecológica não deve ser lida apenas como uma crise presente por conta de fenômenos naturais, essa representa uma crise no mundo branco. A ecologia não é um mero detalhe no folclore brasileiro, destaca-se que o Saci é

lembrando de forma mais frequente no Sítio do Picapau Amarelo, ambiente criado na literatura através de Monteiro Lobato, e o Curupira é um ser destacado por organizar a relação do ser humano com a floresta. Desse modo, pode-se considerar que o Saci e o Curupira podem ser classificados como negros do mundo, ou seja, atores sociais que não se encaixam no processo histórico da colonização europeia.

## 1. O Brasil e seu folclore

Ao contextualizar o Brasil historicamente, é importante destacar a expansão marítima. A ideia de Brasil surge nesse contexto histórico. Manuela Carneiro da Cunha (2012) caracteriza esse momento como um período em que os portugueses acharam que tinham chegado ao paraíso. A História do Brasil começa com a ideia de paraíso, de modo que houve, desde o início dessa História, a tentativa de apagamento, pois não se considerou a História dos povos que estavam aqui antes dos europeus.

Em contraponto à História oficial, Cunha (2012) diz que a América não foi descoberta, mas sim invadida, dando a entender que a História é contada pelos vencedores. “Como foi dito com força por Jennings (1975), a América não foi descoberta, foi invadida”. (Cunha, 2012, p 18 apud Jennings, 1975).

A primeira vez em que o nome Brasil é mencionado na História do mundo foi datada de mil e quinhentos, em uma carta de Pero Vaz de Caminha para o rei Manuel. A História do Brasil é, dentre outras coisas, uma História de extermínio das populações indígenas. Foi essa política de extermínio ao longo da História do Brasil que fez com que muitos povos indígenas fossem extintos. Mesmo durante períodos históricos em que teoricamente o Brasil caminhou para frente, entre os quais se encontra o período da independência, pois o Brasil deixa de ser colônia para ser um estado nação independente, a política de extermínio apenas aumentou. Esse momento histórico veio junto com o poder imperial que, durante aquele período, declarou guerra aos povos indígenas.

O processo histórico de extermínio da cultura indígena caminhou lado a lado com o apagamento da natureza, a qual, para os colonizadores, era vista como um obstáculo. Uma das ideias fortes presentes na ideologia do colonizador era a de que os povos indígenas se recusavam ao trabalho. Observa-se que o mundo patriarcal se formou com o processo histórico da colonização, pois, segundo Cunha (2012), o modo de os indígenas viverem a sexualidade era matriarcal. Desse modo, a sexualidade era vivida de maneira diferente.

Os costumes matrimoniais, a poliginia associada ao prestígio guerreiro, o levirato, o avunculado - ou seja, o privilégio de casamento do tio materno sobre a filha da irmã -, a liberdade pré-nupcial contrastando com o ciúme pela mulher casada e o rigor com o adultério, a hospitalidade sexual praticada com aliados mas também com os cativos, a iniciação sexual dos rapazes por mulheres mais velhas, os despreocupados casamentos e separações sucessivas, tudo isso era insólito (CUNHA, 2012, p. 47)

Gilberto Freyre (1990) vê no Brasil uma sociedade patriarcal, que era caracterizada por uma educação que preparava os homens para serem patriarcas. Tal educação, durante o período imperial, era comandada pela Igreja Católica, que, como Cunha (2012) mostra, teve um papel fundamental no processo histórico da colonização no território brasileiro. Uma sociedade patriarcal é uma sociedade que aceita homens e mulheres, desde que esses ocupem as suas funções sociais tradicionais. As mulheres se concentravam em atividades artísticas e domésticas, já o sexo masculino se concentrava em atividades intelectuais e acadêmicas. O patriarcado era tão presente na estrutura social brasileira que existem relatos, segundo Freyre (1990), no período histórico correspondente ao Segundo Reinado, de atores de teatro que se barbeavam e por isso eram vaiados, pois o homem barbeado não possuía a masculinidade adequada.

A mistura cultural no Brasil ocorreu com assimilação e apagamento. Ao observar a cultura brasileira, nota-se que existe um gosto pela água que vem dos povos indígenas, mas um tabu com o banho pelado que vem dos cristãos. Segundo Freyre (1990), observa-se também no Brasil traços africanos com a presença de rituais com animais como sapos, que indicam a influência de religiões de matriz africana. Embora Cunha (2012) fale do apagamento, existem traços da cultura afro-indígena que o colonizador não conseguiu apagar. Freyre (1990) aponta que o Brasil não herdou o racismo como o dos Estados Unidos, porém herdou o machismo europeu. Já Florestan Fernandes (1987) aponta que a situação do negro na sociedade brasileira é um drama.

O contexto histórico depois da abolição se caracterizou pela população negra cumprindo o mesmo papel que existia na sociedade escravocrata, ou seja, o Brasil é um país historicamente marcado pela escravidão, o que faz com que o valor do ócio presente no Saci seja um simbolismo da resistência ao sistema colonial.

Assim como Freyre (1990) nota com a questão de gênero, uma sociedade racista é marcada por negros e brancos cumprirem as suas funções tradicionais, pois na sociedade pós-abolição ou o negro ia para a cadeia ou trabalhava na lavoura. Freyre (1990) aponta na sociedade brasileira uma miscigenação e Fernandes (1978) aponta que a misgenação não é sinônimo de uma sociedade igualitária.

O Brasil é caracterizado por três influências culturais: indígena, africana e europeia. Logo, embora a misgenação seja uma realidade, existe no Brasil uma cultura dominante, a cultura europeia. A misgenação é uma estratégia de embranquecimento. Mulatos, por exemplo, eram considerados mais inteligentes que os negros por terem sangue branco.

Ao entender a formação da sociedade brasileira, observa-se que essa se constitui de assimilação e apagamento. É importante entender como o Curupira e o Saci se encaixam nesse contexto. Deve-se destacar a contribuição afro-indígena de tais personagens e caracterizá-los de modo a pensar nos valores trazidos por eles e como eles se encaixam na sociedade, principalmente ao considerar o projeto colonial.

Cascudo (2012) destaca como uma das grandes funções do Curupira a proteção da natureza e da biodiversidade, ou seja, uma das funções de tal criatura é a de proteger os animais e plantas. Tal criatura gosta de fumo e possui a habilidade de imitar a voz humana. Os povos indígenas, em oposição ao catolicismo que cultuam o Deus Pai, tinham uma adoração pela mãe natureza, o que mostra uma relação entre a cosmologia e a estrutura social, visto que Cunha (2012) fala da existência, entre os tupinambás, de uma família matriarcal. Os cronistas do Brasil colonial consideram o Curupira como um ser temido entre os povos indígenas. No sul do Brasil, esse ser é chamado de Caipora, tendo os animais e os porcos do mato como seus amigos.

Segundo Cascudo (2012), não existe nas religiões indígenas a ideia de demônio. Foi o contato com o cristianismo que atribui a ideia de demônio ao Curupira. Cascudo (2012) cita o Padre João Daniel para o qual o Curupira era um diabo, indicando uma visão colonialista. O registro histórico do Curupira consta em uma época anterior à chegada dos portugueses no Brasil. Observa-se que, ao

considerar a ideia de Cunha (2012) de que a noção de Brasil é algo inventado, fica claro que, embora o Curupira seja parte do folclore brasileiro, tal criatura surgiu em uma época anterior à chegada de Pedro Álvares Cabral. Desse modo, a ideia de Brasil não existia quando tal criatura foi construída.



Figura 1: Representação contemporânea do Curupira.

Fonte: Site Mundo educação.

Ao falar que a ideia de Brasil é uma invenção, observa-se que Anderson (2008) faz uma relação entre a invenção de nação e o capitalismo. Ao olhar a história do mundo moderno, observa-se que o capitalismo, ao longo de sua construção, teve um papel revolucionário. Um primeiro movimento do capitalismo foi o interesse por leituras da antiguidade clássica, assim como a expansão da língua escrita. A escolha das línguas nacionais foi, segundo Anderson (2008), inconsciente, pragmático e aleatório.

Observa-se que no caso do Brasil a língua oficial virou o português, a língua do colonizador. Não existe na humanidade a possibilidade de uma língua única, o que mostra que a ideia de nação é uma invenção, pois cada nacionalidade inventa uma língua e um território para chamar de seu. Segundo Anderson (2008), foram as línguas impressas que deram base a ideia de nação, que nada mais é que uma invenção da modernidade.

O Caipora se diferenciou do Curupira apenas em meados do século XVI. Em Sergipe, o Caipora mata os indivíduos que recusarem fumo através de cócegas, possuindo desse modo semelhança ao Saci Pererê, porém existem representações

mais cruéis, como a ideia de que o Caipora pode pedir sangue humano como um pagamento para seus favores. Tal criatura pode assumir a forma de um indígena ao encontrar crianças, que poderão ser possíveis vítimas.



Figura 1: Representação contemporânea do Caipora.

Fonte: Site [cultura.culturamix.com](http://cultura.culturamix.com)

Cascudo (2012), ao falar sobre o Saci, destaca que tal ser pode ser maléfico ou malandro. Pode ser representado por uma ave, o que indica uma imagem ecológica. Desse modo, observa-se que tanto o Saci quanto o Curupira possuem várias imagens. Uma das representações do Saci é a Matinta Perera, uma feiticeira que faz com que os indivíduos cumpram as promessas feitas. Tal feiticeira pode aparecer sob a forma de uma velha pedindo esmola. O Saci está relacionado a bastões mágicos, raptos de crianças, casos de loucura, entre outros.

Além disso, o Saci Pererê aparece no Brasil no final do século XVIII e se desenvolve no século XIX. Existem relatos de que, caso o Saci encontre o indivíduo, ele irá perturbá-lo até o fim da viagem. O autor aponta ainda que a cruz e o rosário espantam o Saci. Outro fenômeno que é culpa desse personagem são os redemoinhos, que a ciência explica como sendo resultado do choque de ventos contrários. Cascudo (2012) relata que existe no Brasil profundo a ideia de não fazer fogueiras em dias santos, pois são dias em que o Saci pode ir à floresta.



Figura 3: Representação contemporânea do Saci.

Fonte: Site Brasil Escola



Figura 4: Representação contemporânea da Matinta Perera.

Fonte: Site Glogo em 24/05/2015.

Em complemento, Monteiro Lobato (2016) representa o Saci Pererê através de um universo fantástico contextualizado pelo Sítio do Picapau Amarelo. No universo do Sítio, Pedrinho vai passar as férias com os seguintes personagens: Visconde de Sabugosa, Emília, Marquês de Rabicó e Dona Benta, que era a melhor das avós. Pedro é caracterizado como um personagem aventureiro que queria explorar as matas.

Dona Benta alerta o seu neto para ter cuidado, pois havia, nas florestas, além de onças pintadas, animais como: cobras, aranhas caranguejeiras, entre outros. Outro ser perigoso que Dona Benta relata existir na mata é o Saci Pererê. É relatado pelo livro que não existe Saci na cidade, por isso os habitantes do ambiente urbano não falam sobre tal criatura.

O Saci é representado por Lobato (2016) como um capeta, dialogando com Cascudo (2022), que mostra que o catolicismo atribui características demoníacas aos seres do folclore brasileiro. Lobato (2016) constrói debates filosóficos no livro *O Saci*, entre os quais estão a ideia de o homem ser o rei da natureza, de modo que o Saci questiona Pedrinho em relação a tal argumento filosófico, pois ouvia Dona Benta ler os jornais e logo ouvia sobre os horrores da guerra. Pedrinho questiona o Saci, pois a lei da selva é uma lei em que os animais se matam, porém o Saci aponta que, na natureza, é permitido que se mate apenas para comer. Tal valor, segundo Cascudo (2022), está presente no mito do Curupira.

Ao longo da conversa, Pedrinho sentiu fome e pediu para o Saci preparar uma comida. O Saci atendeu ao pedido. Destaca-se que Lobato (2016) coloca os dois personagens negros, tia Nastácia e Saci, para servirem ao personagem branco. Ao encaixar Monteiro Lobato na história do Brasil, destaca-se que esse nasceu em 1882 e morreu em 1948, sendo que a abolição da escravidão no Brasil ocorreu em 1888, o que indica que a vida de Monteiro Lobato foi vivida durante um contexto histórico em que praticamente a escravidão formal já não era mais uma realidade. No entanto, o que se observa é que tal qual Fernandes (1978) mostra, os negros na sociedade pós-abolição praticamente mantiveram seus papéis sociais, o que pode ajudar a compreender o motivo pelo qual Lobato (2016) coloca os dois personagens negros de sua História para servir ao personagem branco.

Mendes e Maia (2019) se questionam em relação ao fato de em que medida Monteiro Lobato ajudou para que se fomentasse uma visão negativa da identidade negra? Mesmo considerado que esse apresenta o Saci nas suas histórias! Desse modo, existe uma polêmica: Monteiro Lobato era racista ou estava apenas reproduzindo o seu tempo histórico? Ao olhar a bibliografia de Monteiro Lobato, nota-se que esse estava próximo do racismo científico e do darwinismo social, de modo que, para o escritor, o africano não poderia trazer nada de positivo para o Brasil, o que de certa forma é contraditório com o fato de esse ter apresentado o Saci.

Monteiro Lobato na sua bibliografia é apontado como um homem que não tinha medo de falar o que pensava. Existem pessoas que defendem que esse estava apenas relatando a situação da população negra, porém existem cartas que não

deixam dúvidas em relação ao pensamento racial do autor. Porém, ao mesmo tempo, não dá para negar a importância de Monteiro Lobato para a literatura e especialmente para o folclore brasileiro, na medida em que personagens importantes do folclore, como é o caso da Iara, Cuca, Saci e Curupira, aparecem em suas criações literárias. Desse modo, é importante, ao ler Monteiro Lobato, ter uma compreensão do tempo histórico vivido pelo autor, sem deixar de problematizar a representação dos personagens negros de sua história.

Ao abordar os debates filosóficos realizados por Saci e Pedrinho, destaca-se o tópico da existência. Pedrinho questiona o Saci sobre o que faz as coisas existirem. O Saci diz que uma coisa existe quando é vista, logo, ao falar sobre monstros, se esses forem vistos, eles ganham existência. O Saci denomina os mitos e classifica-os como criações do medo, e a mãe do medo é o escuro.

Monteiro Lobato (2016) retrata o Curupira como um personagem que permite aos habitantes da floresta que cacem apenas com o objetivo de comerem, visto que o caçador que mata por matar é perseguido pelo Curupira. Lobato (2016) aponta que mitos como a Iara, Curupira e Saci estão presentes no território corresponde ao Rio de Janeiro. Tal como todos os mitos, o Saci é filho das trevas, logo consegue enxergar no escuro, ou seja, é capaz de enxergar o sobrenatural. O Saci é retratado por Lobato (2016) como um herói, porém seu heroísmo é reconhecido quando esse ajuda o personagem branco. Lobato (2016) conhece o Saci desde pequeno devido às histórias que as pessoas negras contavam na fazenda de seu pai, o que o ajudou na sua escrita literária.

Flora Sussekind (1984) analisa na sociedade brasileira a relação entre a História e a Literatura. Desse modo, a autora destaca a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, como uma obra que retrata o patriarcado presente na sociedade brasileira. Autores da Literatura como Jorge Amado refletiram sobre o Brasil e a identidade nacional, questionando o que é ser brasileiro, algo que, como Cunha (2012) mostra, foi construído social e historicamente.

Almeida (2013), ao falar sobre o Caipora, que segundo Cascudo (2022) é uma representação do Curupira, aborda tal criatura como uma antologia. A antologia aborda o tópico da existência. Tal ideia fala que não existe uma realidade

absoluta. Desse modo, a realidade é composta de crenças, logo a ideia de que existem peixes na água é uma crença, pois como saber se os pescadores irão conhecer a água profundamente? Desse modo, a realidade sempre será composta de crenças. Não se trata de uma questão apenas religiosa, mas também científica.

O Caipora, que segundo Cascudo (2022) se trata de uma representação do Curupira, é um presuposto ontológico para a continuidade da mata. Desse modo, o Caipora se assemelha à gravidade, no sentido de organizar as relações ecológicas. Portanto, o Caipora se confirma a todo o momento. Existem no meio natural caçadores que viram o Caipora e do que se trata tais visões? Caçadores que se perdem na mata e voltam para casa com espinhos e roupas rasgadas. Cães de caça que sofrem essas mesmas experiências, mesmo alguns bravos voltam para casa com medo. Ao abordar quais são as regras para com o Caipora, inclui-se dentre elas não caçar em certos períodos, algo reforçado por Cascudo (2002)

Observa-se que é importante nos ambientes naturais que o Caipora seja respeitado. Nota-se que a ontologia Caipora não está muito distante das ontologias científicas e vai contra a ontologia mercantil em que tudo que existe precisa ser mercantilizado. A ontologia mercantil é uma ontologia de apagamento, pois essa destrói outras ontologias. A ontologia Caipora é uma ontologia para regular a fome do espírito mercantil.

Lobato (1988), ao falar de onde tirou o Saci, ou seja, quais foram os elementos que deram base para que tal autor escrevesse sua literatura, mostra, entre outras coisas, que pessoas relatam em depoimentos representações acerca de tal criatura como sombras.

Alguns depoimentos apontam que tal criatura fazia estragos na roça. Em São Paulo, o Saci possuía a forma de um menino de 8 a 10 anos. Outros depoimentos afirmam que o Saci é como um demônio, tal como Cascudo (2022) relata com o Curupira ao dizer que esse, por olhos cristãos, foi visto como um demônio. A figura de um moleque arteiro também aparece. Existem depoimentos de pessoas que mencionam ter ouvido a voz do Saci. Orações católicas como a Oração do Credo ajudam a espantar o Saci.

Desse modo, assim como Almeida (2013) fala sobre o Caipora, o Saci também se manifesta na realidade. Alguns depoimentos sobre o Saci foram de ex-escravizados, o que indica que tal criatura vem de um Brasil rural. Geralmente o medo do Saci ocorre à noite, vindo junto com o medo do Lobisomem, da Mula Sem Cabeça e da bruxa. É à noite que criaturas como a bruxa possuem a forma humana e o lobisomem perde a natureza dupla. Tal como Cascudo (2022) nota com o Curupira, existem depoimentos do Saci de que tal criatura pedia fumo e os indivíduos que não atendiam o seu desejo eram punidos.

O mito do Saci possui influências indígenas, africanas e europeias. O Saci foi, ao longo da História, um personagem assimilado pelas populações rurais. Cascudo (2022) destaca como uma possibilidade de representação do Saci uma ave, tal caracterização também é presente nos depoimentos relatados por Lobato (1988). Dentre os depoimentos sobre o Saci, está o fato de que esse não trabalha sexta-feira, indicando um ócio. Desse modo, a cultura do ócio indicada pelo Saci mostra que tal mito é uma resistência ao trabalho imposto pelos portugueses.

Dentre os depoimentos, encontra-se um fazendeiro que se diz crente, mas observa que sua crença não está relacionada a um Deus e sim aos fenômenos da natureza. Desse modo, acreditar no sobrenatural e acreditar em Deus não são coisas necessariamente semelhantes. A crença no Deus católico nem sempre existiu no Brasil rural, o que os depoimentos apontam é que o catolicismo, ao longo da História do Brasil, servia para espantar criaturas como o Saci, que foi sendo interpretado como o um anjo mau. Ex-escravizados juravam para os antigos patrões ter visto um Saci.

Ao observar a ideia de uma Antropologia das crenças, Lobato (1988) afirma que as crenças em fenômenos sobrenaturais não necessariamente estão vinculadas a acreditar em Deus. Ao relatar as crenças, destaca-se que mesmo indivíduos que não acreditavam no Saci sentiam o medo de tal criatura. Alguns depoimentos relatam que não existe cidadão brasileiro que não conheça o Saci Pererê. O estudo antropológico de Monteiro Lobato mostra que, quanto mais no interior um indivíduo vive, maior serão as suas crenças, desse modo o ambiente urbano é por natureza cético. Observa-se, dentre os depoimentos, que criaturas como o Lobisomem também eram vistas à noite, de modo que existia, para certos indivíduos,

a transformação desses em animais como porcos. Desse modo, os homens poderiam se transformar em lobisomem e as mulheres em bruxas.

Povos indígenas representam o Saci como um gênio. Observa-se que os depoimentos de tais personagens geralmente eram de pessoas que viam tal criatura, dessa maneira os mitos do folclore brasileiro eram vistos. “Dei gostosas gargalhadas ontem, ao ouvir as narrativas de pessoas videntes, pois todas viram de “verdade” o Saci, chegando uma delas a travar luta com o diabo negrinho monolho-perneta.” (LOBATO, p. 159, 1918)

No Brasil rural, o cético costuma ser o capataz. O sobrenatural se manifestava no Brasil rural sob a forma de vulto. O Saci podia ser ouvido sob a forma de um assovio. Os depoimentos de pessoas que relatavam ver o vulto apontam que ele era visto, porém não falava. Dentre os relatos de pessoas que falam sobre ter visto o Saci, destaca-se que a forma de vulto é frequente. Plantas como as figueiras possuem para a população rural a atração das almas pelo espírito das trevas. Os gritos dessas almas são ouvidos sob a forma de passado, atualizando de certa forma o mito do Lobisomem.

Ao abordar a representação do malandro, nota-se que o fumo das negras velhas era roubado. O seu divertimento preferido era disparar os cavalos. Os ouvintes desses depoimentos relatam que: “Há mais coisas no céu e a terra do que sonha a nossa van filosofia” (LOBATO, p. 189, 1918).

Tal como Lobato (2016) nota ao criar o personagem tio Barnabé, existem, nos depoimentos relatados sobre o Saci, pessoas negras que contavam as histórias fantásticas existentes no folclore brasileiro, como se observa ao se relatar o nhô urbano. “Havia na fazenda onde foi criado, quasi nas divisas de minas, um preto velho chamado “nho urbano”, um perfeito conhecedor das lendas brasileiras.” (LOBATO, p. 197, 1918).

Figuras como fantasmas e assombrações eram comuns nessas histórias. Nesses ambientes, era o Saci o responsável por coisas como atijar a cachorrada e pintar o diabo com os animais. O Saci era, para tais depoimentos, uma figura assustadora. Dentre as histórias mais contadas, se destacavam a do Saci e do Lobisomem. Outra característica do Saci é o de que tal personagem tem uma perna só, diferente do que depoimentos relatam sobre o Caipora, que é, segundo Cascudo

(2022), uma representação do Curupira. Segundo os depoimentos, a principal característica do Caipora é o de gostar de fumo. Caso o fumo seja negado ao Caipora, esse pode bater no caçador. No sertão baiano, a superstição é mais grosseira e o Caipora é fantástico. Outros relatos apontam que uma coisa puxava a coberta, essa coisa devia ter muita força e depois de as cobertas serem puxadas, tais indivíduos ouviam gargalhadas.

Fenômenos naturais como chuvas pretas eram sinais do Caipora. Junto com as chuvas ouviam-se gargalhadas. Observa-se que as figuras folclóricas mudam do dia para a noite, desse modo o Saci de dia se transforma em um pássaro e assobia. Outro ser que era ouvido era a Mãe-d'água, que possuía a voz semelhante ao que é relatado no mito das sereias. Desse modo, os seres do folclore brasileiro já foram vistos e ouvidos tais como o Saci sob a forma de sombras ou o Caipora sob a forma de gargalhadas. O sono dos habitantes rurais muitas vezes ocorria com o sentimento do medo. Indivíduos praianos tinham medo de seres como a Mãe-d'água e do Lobisomem.

A representação do Saci é caracterizada como o negro de uma perna só. Por sua vez, a Caipora é representada como uma preta velha sem dentes que costuma fazer feitiços. O sentimento do medo é constante na leitura dos depoimentos. Crianças, para fugirem das assombrações, procuravam deitar na cama de suas mães. Dentre as memórias encontradas nos depoimentos, estão a memória da violência nos tempos da escravidão. Observa-se, assim, que a memória do tempo da escravidão estava muito presente durante o contexto vivido por Monteiro Lobato.

Movimentos da Literatura, como o Naturalismo, tentaram buscar a identidade de um povo. Algumas obras literárias produzidas no Brasil procuram pensar a sociedade brasileira. Segundo Sussekind (1984), o objetivo de autores da literatura, entre os quais estão Jorge Amado e Aluísio de Azevedo, é retratar o Brasil. Lobato (2016), ao escrever sobre o Sítio do Picapau Amarelo, aponta, tal como Fernandes (1978), um Brasil miscigenado na medida em que retratou um herói negro e desigual, pois os personagens brancos e negros cumpriram papéis tradicionais, reforçando as características do racismo estrutural.

Luís Rodolfo Vilhena (1997) define o folclore como conhecimentos ligados às tradições populares. O folclore não é classificado como ciência, o que faz com que tal conhecimento não seja considerado acadêmico. Ao abordar a ideia do que seja um conhecimento acadêmico ou não, é importante destacar que o folclore ganha força no campo cultural em áreas do conhecimento como teatro, literatura, música e letras, as quais costumam problematizar e abordar o folclore brasileiro. O rigor acadêmico é um valor nas Ciências Sociais. Dentre as áreas das Ciências Sociais a que é procurada por entender o exótico é a Antropologia, sendo a área mais próxima do folclore brasileiro.

Ao entender como o folclore está localizado no Brasil, é importante observar como a Ditadura Civil Militar, inaugurada com o golpe de 1964, enfraqueceu a comissão de defesa do folclore brasileiro. Luiz da Câmara Cascudo fundou a Sociedade Brasileira de Folclore em 1941, tempo histórico que é anterior ao golpe de 1964. Vilhena (1997) reconhece a importância de Câmara Cascudo para o folclore brasileiro, sendo notado como um pesquisador da área.

Outro pesquisador importante para o folclore é Silvio Romero, de origem sergipana. Ele afirmava que o pensamento científico europeu não era suficiente para analisar o Brasil. O final do Brasil imperial foi um momento de formação da identidade nacional. Vilhena (1997) destaca que o século XX foi um século movimentado historicamente com fatos como a queda da República oligárquica e a Revolução de 1930, que culminou com a subida ao poder de Getúlio Vargas.

Para cidades como São Paulo, a década de 1920 representou uma grande efervescência com fatos históricos como a Semana de Arte Moderna. Em 1921 surgiu a Sociedade de Estudos Paulistas, que tinha como objetivo entender a cultura brasileira.

Mário de Andrade desejou descobrir a identidade nacional pelo folclore. Observa-se que o alinhamento entre o folclore e as Ciências Sociais era evidente, na medida em que folcloristas como Mário de Andrade conversavam com cientistas sociais como Lévi-Strauss. A Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia foi fundada em 1941 por Arthur Ramos. A Sociedade Brasileira do Folclore foi criada

em 1941 por Câmara Cascudo. Existia entre os folcloristas a ideia de que o folclore precisava ser institucionalizado, de modo que o seu estudo fosse mais objetivado.

O grande responsável pela ideia de uma institucionalização é Renato Almeida, que era folclorista e músico. Havia reuniões entre os folcloristas. O esforço de Almeida era quase de memória, no sentido de que havia a necessidade de o folclore brasileiro ser protegido. Nesse sentido, algo importante demandado pelos folcloristas era o ensino do folclore nas escolas. Renato de Almeida era a alma viva do organismo. Nesse ponto, algo importante sobre os quais os folcloristas se perguntavam era quais são as manifestações culturais das populações do Brasil profundo.

Os congressos folclóricos foram organizados por Mário de Andrade no final de sua vida. Ele conseguiu organizar a carta do folclore brasileiro. O movimento folclórico teve sucesso até 1963, ano anterior ao golpe de 1964. Segundo Vilhena (1997), a Ditadura Civil Militar enfraqueceu a comissão de defesa do folclore brasileiro.

O movimento folclórico teve Luís da Câmara Cascudo como uma personalidade de destaque. A trajetória do movimento folclórico brasileiro teve seu fim em 1964 com o golpe Militar. Vilhena (1997) destaca que Getúlio Vargas foi um presidente que valorizou o folclore, comparecendo a um evento na Quinta da Boa Vista, sendo convidado pelos folcloristas. A ideia de Getúlio Vargas era proteger as artes populares do Brasil, de modo a valorizar os artistas populares. Ainda no período anterior à Ditadura Civil Militar, o ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, tinha como princípio político a valorização das artes populares. No contexto do governo João Gullar, presidente que foi deposto em 1964, cria-se a Revista Brasileira de Folclore. Ao olhar o contexto da Ditadura Civil Militar brasileira, observa-se que houve um retrocesso no sentido de valorização do folclore brasileiro.

O período da Ditadura Civil Militar se caracterizou como uma generalizada caça aos comunistas. Logo folcloristas suspeitos como Edson Rabello foram perseguidos pelo regime, embora houvesse uma parte do grupo de folcloristas sobre

os quais não existiam suspeitas ideológicas, entre os quais se destaca Renato de Almeida.

Mesmo a Ditadura Militar sendo caracterizada como um período difícil, os folcloristas deixaram legados importantes, entre os quais se destaca o Museu do Folclore, uma biblioteca especializada, um mapeamento do folclore brasileiro, assim como a Sociedade de Etnografia e Folclore. Segundo Vilhena (1997), Mário de Andrade foi importante para se pensar o que é o Brasil do ponto de vista intelectual.

Ao definir o conceito de folclore, é importante destacar a ideia de que tal conceito fala da identidade do povo e do maravilhoso. Paul Veyne (1983) diz que tal conceito não existia na antiguidade clássica, tendo em vista que o maravilhoso estava no cotidiano daquela sociedade. Alberto Luiz Schneider (2011) aponta que Silvio Romero, destacado por Vilhena (1997) como folclorista, foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros do final do século XIX e tinha por missão interpretar o Brasil, defendendo a modernização e a ocidentalização. Por outro lado, observava no folclorista um traço nacionalista, o que justifica por parte dele a defesa da miscigenação.

No contexto histórico existente no século XIX, o racismo científico era uma realidade, o que leva à seguinte questão: como pode o Brasil ir para frente enquanto nação sendo um país com tantas raças diferentes?

Ao olhar a História do Brasil, é importante destacar o período do final do século XIX e início do século XX, com a teoria do embranquecimento, com a ideia de que a raça branca era superior. Logo, ir para frente significava ser branco. A ideia de nação, no começo da república brasileira, consistia no embranquecimento. De Souza (2013) afirma, ao falar sobre o conde Gobineau de que o Brasil carregava dentre outros defeitos o de ser avesso ao trabalho. Arthur de Gobineau possuía um conservadorismo ao falar da própria França que, segundo ele, estava destinada ao fracasso por conta da revolução. Ao falar de civilizações, Gobineau fala principalmente da questão étnica. Logo para Gobineau o Brasil estaria fadado ao fracasso. Uma de suas críticas à Revolução Francesa é a ideia de igualdade que

estava presente na revolução, o que está explícito na bandeira igualdade, liberdade e fraternidade.

O pensamento conversador de Gobineau condenava o Brasil. Gobineau se baseava em teorias científicas, dentre as quais se inclui o darvinismo social, porém também em argumentos religiosos, dentre os quais o fato de a humanidade ter sido gerada por um único casal. Se até mesmo a França estava sendo contaminada pelo mal, o Brasil para Gobineau estava destinado ao fracasso. A diversidade era sinônimo de caos.

Gobineau, que tinha aversão à profissionalização do saber, circulava por diversas áreas do conhecimento, dialogando tanto com conceitos de linhagem que separava os franceses entre francos e gauleses quanto com a fisiologia e correntes evolucionistas de seu tempo. Para entender a sua controversa figura, é preciso levar em conta o debate de sua época no qual se inseriu, sem amplificar ou minimizar o seu evidente racismo que de maneira esplêndida foi denunciado ao próprio conde Gobineau pelo amigo Tocqueville (SOUZA, 2013, p 32).

Um personagem histórico importante para entender a ideia do embranquecimento é Raimundo Nina Rodrigues. Marcia das Neves (2018) destaca Raimundo Nina Rodrigues como um proprietário de terras descendente de famílias judias. Tal personagem histórico realmente acreditava na superioridade de algumas raças em detrimento de outras e na ideia de raça pura. Para Nina Rodrigues, as raças inferiores tinham uma tendência para a violência. Além de médico, Nina Rodrigues estudou direito penal e tinha como uma de suas preocupações os elementos antropológicos que formavam a sociedade brasileira. O autor fazia uma relação entre as raças e a criminalidade.

Havia, no contexto histórico da proclamação da república brasileira, uma preocupação de que os negros dominassem a sociedade, pois assim essa não iria ser mais branca. Havia a ideia de que o branco deveria ser a única cor na sociedade brasileira. Para o pensamento racista, a diversidade era um obstáculo ao sangue branco. Vários estudiosos do Brasil apontavam para o embranquecimento da população como o destino da nação. Para tais ensaístas, ser ocidental era ser branco. Schneider (2011) destaca como obra mais importante de Silvio Romero a *História*

*da Literatura Brasileira*. Tal obra tem como objetivo contar a história da produção literária no Brasil.

O século XIX é marcado pela ideia de nação, o que ajuda a entender um sentimento presente na Literatura pela busca da identidade nacional. Para se consolidar a ideia de nação, era necessário aceitar a mestiçagem. O Brasil só pode ser singular por ser mestiço, o Brasil não pode ser uma cópia da Europa. Nesse contexto, pode-se ver a importância da criação do folclore brasileiro, visto que é necessário que se descubram os cantos, contos e a poesia brasileira.

Schneider (2011) cita os irmãos Grimm para mostrar que até mesmo na Literatura europeia existia a ideia de buscar nos camponeses uma pureza da cultura, como se a modernização apagasse a essência da cultura. O Brasil é caracterizado pela mistura de culturas, é isso que torna o Brasil singular. Havia no contexto do romantismo obras como a de José de Alencar, que procuravam descrever o indígena, porém colocar o negro como uma marca da sociedade brasileira é algo inovador de Silvio Romero.

A ideia de Silvio Romero é que todas as pessoas que se localizam geograficamente no Brasil se sentissem brasileiros. Mesmo Silvio Romero sendo crítico do romantismo, o autor valorizava a busca pelo indianismo de José de Alencar. Foi importante na formação histórica do Brasil que esse tivesse características como identidade nacional, formação única e uma língua unificada que correspondia ao português. Tendo vivido no final do século XIX e no início do século XX, o autor foi influenciado pela história europeia, tendo em vista períodos históricos, em que países como a Alemanha se unificaram. Observa-se nos escritos do folclorista o elogio ao Japão. “Em O Allemanismo no Sul do Brasil, publicado originalmente em 1906, Romero elogiou o Japão, referindo-se à capacidade daquele país em modernizar-se, sem ferir suas tradições históricas” (Schneider, 2011, p. 175).

A ideia de uma singularidade é importante para definir uma nação, por isso características como a universalidade da língua são importantes, assim como a misgenação. Embora a língua portuguesa seja falada no Brasil, tal país não é uma cópia de Portugal. O Brasil é um país da América Latina. Silvio Romero abriu

caminho ao modernismo brasileiro, influenciando tanto Mário de Andrade como Gilberto Freyre. Vilhena (1997) destaca Mário de Andrade e Silvio Romero como folcloristas, o que indica que a ideia do folclore está ligada, na História da Literatura, ao período modernista.

Ao estudar a relação entre o folclore e as Ciências Sociais, destaca-se que Castro (2018) usa a obra de Luiz Rodolfo Vilhena para refletir sobre o lugar da astrologia na sociedade moderna. A astrologia não é uma forma de conhecimento dominante. Existem nos meios de comunicação colunas de horóscopos divulgadas e existem pessoas que consultam astrólogos particulares. A astrologia exige o uso do cálculo matemático e do estudo geométrico, logo não é um conhecimento absolutamente irracional, já que um astrólogo deve ter uma formação escolar básica.

A lógica da astrologia é a lógica mágica classificatória. Também pode ser considerada como uma arte divinatória, que responde a uma crise de sentido. Schneider (1997) destaca na Literatura uma tradição de tentar buscar o exótico na vida no campo, seja na Europa, com os irmãos Grimm, seja em folcloristas brasileiros, como Monteiro Lobato. Castro (2018), através de um estudo antropológico, mostra que a astrologia aponta que o exótico está nos centros urbanos, ou seja, por que as sociedades modernas adoram a astrologia? Uma das superstições presentes em diversas culturas é a de que o destino não está sob o nosso controle. A diferença da Astrologia para ciências, como a astronomia, não é a falta de cálculo matemático ou das figuras geométricas. A grande diferença está na existência, por parte da astrologia, de cunho filosófico e religioso.

Observam-se fronteiras muito definidas na sociedade entre as quais estão ciência, magia, religião. Conhecimentos vindos da psicologia, mitologia, filosofia, história e literatura influenciam a Astrologia. Um dos grandes valores da Astrologia é a antiguidade, ou seja, a volta à tradição, sendo que a tradição, ao retornar, precisa de uma atualização. Porém, nos princípios da Astrologia, é a tradição que permite a diversas culturas se religar ao cosmo e à natureza.

O estudo que Luiz Rodolfo Vilhena fez sobre a astrologia permite enxergar que a sua lógica é específica a esse campo de conhecimento. Não existe dúvida de

que os saberes que o conhecimento astrológico possui são construídos socialmente, porém uma Sociologia dos saberes mostra que não existe saber que não seja, de certa forma, construído socialmente. A tradição e a modernidade estão em constante dinâmica. A modernidade não foi capaz de eliminar o pensamento mágico. Cavalcanti (2018) cita estudos antropológicos ao chamar a atenção sobre os estudos sociológicos em relação à alimentação.

A Sociologia da alimentação mostra uma ligação com o sistema totêmico. A astrologia explica os eventos que ocorrem na Terra pelos astros, por isso é importante aos astrólogos considerar os planetas, casas e signos. Cria-se um verdadeiro código cosmológico. Filósofos e historiadores da ciência já procuraram compreender a lógica da Astrologia. Observa-se que a lógica do saber astrológico está baseada em hipóteses e princípios gerais. Desse modo, o astrólogo indica pelo céu qual é o melhor momento em que alguém pode, por exemplo, tomar uma decisão.

Uma das críticas que se faz aos astrólogos é que eles se manteriam fechados em um conhecimento tradicional e ignorariam o progresso da ciência, mesmo que a ciência esteja cada vez mais descobrindo novos planetas. Porém, é importante lembrar que o sistema planetário é desconhecido a olho nu, então, explicar as coisas pelos astros é uma forma das pessoas não andarem no escuro, ou seja, a condição de fragilidade é preenchida pelo conhecimento astrológico.

Ao descrever a formação da modernidade, é importante ter em mente a ideia de progresso, ou seja, de que algo deve ir para frente. O estudo de Luiz Rodolfo Vilhena sobre a Astrologia mostra como tal ideia não veio na modernidade, de modo que a mensagem trazida pelo Saci e pelo Curupira aponta uma ancestralidade que precisa retornar, para que problemas do mundo moderno, dentre os quais se encontram as mudanças climáticas, possam ser resolvidos.

## 2. O retorno a uma ancestralidade

Ao analisar personagens como o Saci e o Curupira, é importante compreender a indústria cinematográfica realizada atualmente para problematizar o que foi produzido e como tais personagens são representados por tal indústria no Brasil. A série *Cidade Invisível*, apresentada na plataforma Netflix, com a estreia em cinco de fevereiro de 2021, dirigida por Carlos Saldanha, retrata o folclore brasileiro e seus valores. A série começa quando um caçador desejava atirar em uma coruja, porém não fez isso pois, naquela floresta, apenas se atirava para comer. Segundo Cascudo (2012), esse valor é retratado no mito do Curupira. Observa-se que o Curupira apenas ataca quem destrói a natureza.

Em um momento da série, a menina pergunta ao caçador onde está o Curupira e ele responde que a criatura foi embora, pois a cidade cresceu e a floresta diminuiu. Tal diálogo é importante para refletir em que medida o apagamento das culturas dos povos afro-indígenas que existiu no processo de formação do Brasil não levou junto as suas ideias de natureza, ou seja, se a natureza se apagou no processo de colonização. O protagonista da série se chama Eric, que é um policial ambiental, cuja esposa, uma antropóloga que militava pela preservação das florestas, tinha morrido em um incêndio.

Ao longo do enredo, criaturas como a Cuca, Iara e Saci aparecem na série. Na primeira cena em que o Saci aparece, ele rouba um pão com queijo no Bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, o que mostra uma proximidade com a figura do malandro. Ao observar o Curupira enquanto personagem, ele aparece em uma cena jogado no lixo, dando a entender que tal entidade está doente

Algo anunciado ao longo da série por membros da comunidade tradicional, da qual o velho que conta a História do Curupira faz parte, é a ideia de que eventos como peixes mortos são sinais de coisas ruins. Tal comunidade era o lugar que a esposa de Eric lutava para que virasse espaço de preservação ambiental. Na série *Cidade Invisível*, cada uma das entidades possuía uma forma humana: o Boto Cor de Rosa corresponde a um homem sedutor e bêbado, que também era contra o projeto de uma construtora com objetivo de usar o território da comunidade tradicional para lucrar.

Ao observar a construtora, na série, nota-se uma tentativa de convencer os moradores da floresta para que ela fosse destruída. A personagem Iara aparece em cenas ao ser vista beijando um homem que a afogou, quando ela era um indivíduo. O beijo ocorreu junto com o afogamento do mesmo homem, ou seja, foi um ato de vingança. A Iara é uma entidade que vai contra a cultura patriarcal construída socialmente, pois enquanto entidade, ela se vinga de um homem que lhe fez mal. Ao longo da série, as entidades começam a discutir sobre o espírito de um homem que tentou matar o Curupira. Tal espírito se chama Corpo Seco, que é representando como o grande vilão da primeira temporada da série.

A série transforma os personagens do folclore brasileiro em pessoas. Ao usar a liberdade artística, os produtores da série *Cidade Invisível* mostram os personagens do folclore brasileiro como indivíduos. A mensagem final da produção audiovisual é que o Curupira precisa retornar. Tal mensagem é importante ao considerar o contexto social em que a série foi produzida, momento histórico em que os humanos enfrentam a crise ecológica. O folclore brasileiro possui uma grande influência das culturas afro-indígenas, ainda assim, observa-se que, ao longo da História do Brasil, houve uma tentativa de apagamento de tais matrizes.

O Saci, enquanto personagem, é visto na série tomando chicotadas, dando a entender que carrega as marcas do negro que foi escravizado. O Curupira, por sua vez, é mostrado brincando na cachoeira com indígenas brasileiros em imagem que se tenta apagar em um processo colonizador. A segunda temporada da série apresenta o garimpo em terras indígenas (problema constantemente enfrentado pelos indígenas brasileiros atualmente).



Figura 5: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literaturas.



Figura 6: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literatura.



Figura 7: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literaturas.



Figura 8: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literaturas.



Figura 9: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literaturas.



Figura 10: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literaturas.



Figura 11: Cena da Série Cidade Invisível.

Fonte: Site Falando Literaturas.

Paulo Jorge Ribeiro (2017) aponta que o cinema mobiliza questões socioculturais na sociedade. Ao investigar as leituras antropológicas de um filme ou série, é importante compreender as leituras que são produzidas por uma obra cinematográfica, assim como Flora Sussekind (1984) faz com a Literatura. Desse modo, uma obra cinematográfica pode ser lida de forma semelhante a uma obra literária.

Umberto Eco (2011), em *Apocalípticos e Integrados*, fala de heróis como o Batman e o Super-Homem que possuem uma comunidade de fãs, ou seja, um grupo de pessoas que os admiram. O Super-Homem possui semelhanças com Hércules, pois esse está para além de um ser humano comum. Ao crescer na Terra, o Super-Homem possui habilidades entre as quais se destaca: atravessar o espaço na velocidade da luz, ultrapassando a barreira do tempo, algo que, segundo Paul Veyne (1983), é um fator que faz os heróis conseguirem vencer.

Observa-se, assim, que tanto a literatura como o cinema falam através de narrativas sobre as questões da vida cotidiana. Dessa forma, quando Lobato (2016) fala sobre os seres do folclore brasileiro, ele mantém o protagonismo do personagem branco, assim como Eco (2011) mostra que é feito tradicionalmente nas obras de ficção através de personagens como Batman, Super-Homem e Peter Pan. Por outro lado, a série *Cidade Invisível* consegue dar protagonismo aos personagens do folclore brasileiro na medida em que eles possuem a chave para combater os “maus espíritos” ou “vilões” presentes nas sociedades contemporâneas.

Algo importante de se destacar é que o protagonista da série, embora seja interpretado por um ator branco, é mostrado como sendo filho do Boto-Cor-de-Rosa. Logo, o personagem não é o branco estereotípico tal como acontece com heróis como o Batman. Observa-se que a trama da série gira em torno de um protagonista cético que precisa redescobrir suas origens ligadas ao folclore brasileiro.

Malcom Ferdinand (2022) aponta a expansão marítima como um evento histórico importante que influencia o mundo moderno. Ao entender a História, observa-se que a ideia de Brasil foi constituída neste contexto. Tal evento histórico

foi marcado por violências contra as populações afro-indígenas, ou seja, foi um contexto de apagamento. A colonização implicou a violência contra um modo de habitar a Terra. Logo, seres como o Curupira e o Saci representam um modo de habitar a Terra que foi combatido pelo sistema colonial. O que pode ajudar a compreender o porquê, na série Cidade Invisível, tanto o Saci quanto o Curupira querem combater espíritos responsáveis por espalhar o caos pelo mundo, ajudando no combate às práticas exploratórias como o garimpo em terras indígenas.

O modo de habitar colonial pressupõe que a terra pertença aos cristãos, o que dialoga com o argumento de Manuela Carneiro da Cunha (2012), ao dizer que o cristianismo, ao longo da História, assumiu o papel de uma religião colonizadora. A Bula Pontifícia de 4 de maio de 1493 dividiu o território correspondente hoje à América entre Portugal e Espanha, ou seja, o Brasil é fruto de uma divisão autoritária feita pelos colonizadores do mundo. A destruição do meio ambiente é uma necessidade colonial, pois segundo Cunha (2012) a natureza é um obstáculo para o colonizador.

Ao explorar a questão de gênero, observa-se que os europeus abusavam das mulheres indígenas, ou seja, a origem de um mundo patriarcal está na colonização, o que dialoga com Cunha (2012) ao dizer que povos como os tupinambás eram matriarcais. O corpo da mulher indígena pertencia ao europeu, pois a dominação de outros seres humanos é uma condição para que o sistema colonial se estabeleça.

A escravização de homens e mulheres, a exploração da natureza, a conquista das terras e dos povos autóctones, por um lado, e dos desmatamentos, a exploração dos recursos minerais e dos solos, por outro, não formam realidades distintas, e sim constituem elementos de um mesmo projeto colonial (FERDINAND, p. 56, 2022)

O *plantation* faz parte do sistema colonial, que implicou uma revolução biológica nos ecossistemas. Por outro lado, a agricultura indígena conserva o equilíbrio ecológico. Ao falar de povos africanos que vieram para o continente americano, destaca-se que foram vítimas de uma grande violência. O desequilíbrio ecológico fez com que animais e plantas fossem extintos pelo sistema colonial, o que prejudica o ecossistema do planeta Terra.

As características culturais, biológicas e linguísticas do sistema colonial são coerentes com o sistema de colonização europeia. Desse modo, os valores presentes em mitos como o Curupira são fundamentais para a sobrevivência da humanidade no planeta Terra. Ferdinand (2002) cita geógrafos que apontam a colonização como o início do antropoceno. O momento histórico da escravidão de pessoas negras já foi reconhecido como um momento criminoso contra a humanidade. Ainda poderá chegar o dia do reconhecimento do mesmo momento como criminoso contra o planeta Terra.

A política usada nos navios negreiros correspondia à violência, que foi usada também pelos europeus contra o planeta Terra. Indivíduos negros que eram músicos, feiticeiros e médicos agora estavam na condição de escravizados, os quais são submetidos a um ritmo violento de trabalho para atender a *plantation*, o que dialoga com Cunha (2012), ao dizer que o trabalho foi usado como um instrumento de colonização, reforçando o argumento de que o ócio defendido pelo Saci representa a resistência.

A agricultura praticada pelo agronegócio em países periféricos exige que florestas sejam queimadas. A ideia que Ferdinand (2022) faz da palavra “negro” não corresponde a um fenótipo ou uma raça. São os atores sociais que não se encaixam no sistema colonial. Nesse sentido, os povos indígenas são negros do mundo e é importante que se valorize características como o seu canto e a sua dança. O cenário contemporâneo ecológico corresponde a um momento histórico em que o planeta Terra vem dando o seu recado com fenômenos naturais como ciclones. Por isso, vemos os telejornais sendo confundidos com filmes de ficção científica.

Ao problematizar o conceito de natureza, é importante compreender a relação entre natureza e cultura. O que Philippe Descola (2016) observa é que o ser humano não é um ser absolutamente natural nem cultural. Nesse sentido, tem-se como exemplo a fome, uma necessidade natural do ser humano que pode ser preenchida de diversas maneiras de acordo com a cultura. No caso das sociedades modernas, um gato ou um cachorro podem fazer parte de uma família, mas não têm os mesmos direitos que um ser humano. Desse modo, é importante refletir sobre o posicionamento da Antropologia acerca desse debate.

A Antropologia lida com as diferenças. O mundo habitado pelo ser humano é o mundo da diferença. Sendo assim, até mesmo o conceito de natureza e cultura são diferentes de acordo com o grupo social. O modo como se experimenta o mundo irá variar de acordo com a cultura. A separação de natureza e cultura é um exemplo de tal fato. A relação entre o humano e o animal no interior da floresta Amazônia é muito diferente do que se observa nas grandes cidades.

O sonho, para os povos indígenas que vivem na Amazônia, é um espaço onde é possível ver os animais em sua forma humana, pois os animais e os vegetais seriam humanos que vestem a roupa de animais e vegetais. Existem narrativas em ambientes rurais de uma mulher que, ao ver um tigre, se assustou. A mulher viu o tigre em um sonho e ele disse para ela que eles teriam uma amizade de pai e filha. Na noite seguinte, a mulher encontrou o tigre que carregava um javali pelas costas. Ao ver a mulher, largou o javali e dividiu em dois seguindo o seu caminho.

Desse modo, a relação do colonizador com a natureza é uma espécie de relação possível no mundo. No caso dos povos indígenas, a distinção entre cultura e natureza não é tão separada como no caso do homem branco. O sistema totêmico, que une o homem e o animal nas cosmologias indígenas, é algo semelhante ao que ocorre na astrologia destacada por Castro (2018), em que o sistema totêmico é importante e faz com que os indivíduos sejam identificados por signos. Destaca-se que muitos signos são de animais, tais como o signo de touro, leão, peixes, capricórnio, entre outros.

Com esse sistema, pode-se dizer que certos homens, mulheres, insetos, pássaros, répteis, marsupiais, arbustos e peixes fazem parte de uma mesma espécie totêmica, já que todos são vivazes, grandes, esguios, angulosos, de cor escura e mais rígidos e agressivos (DESCOLA, p.19, 2016)

Os povos indígenas da América do Norte não tratam os não humanos como se fossem pessoas, ao contrário do que ocorre na floresta Amazônia. O totem faz com que os animais sejam na verdade réplicas dos caçadores. Porém, o que se pode dizer de modo geral sobre os povos indígenas é que tudo é natural e cultural. Desse jeito, a ideia de que destruir a natureza faz parte do progresso social, como ocorre na mentalidade colonizadora, não faz parte das cosmologias indígenas. Personagens como o Curupira foram criados por conta de um tipo de organização social que não

vê a natureza da mesma forma que os brancos. Destaca-se que, segundo Cascudo (2022), o Curupira foi criado quando os colonizadores não estavam aqui. Logo foi construído em um mundo em que não existia a ideia de que a destruição da natureza levaria a um certo progresso, que, como estamos assistindo na contemporaneidade, pode levar a um fim do mundo.

A ideia de meio ambiente à qual está ligada a ecologia já mostra os brancos como separados da natureza. Descola (2016) cita o filósofo René Descartes ao dizer que o homem branco se fez senhor da natureza. Tal ideia pode ser questionada com as mudanças climáticas que mostram que o ser humano depende da natureza para sobreviver.

A crise ecológica não é um fenômeno novo. Para o capitalismo existir, é necessário que gases de efeito estufa sejam emitidos, de modo que o aquecimento global pode até ser interessante para esse sistema social, pois os negros do mundo são varridos com os desastres climáticos. Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019) mostram a existência de interesses econômicos gananciosos do sistema colonial. As terras Yanomamis são invadidas pela famosa corrida do ouro, ou seja, o problema do garimpo mostrado na série *Cidade Invisível* também é uma realidade cotidiana dos povos indígenas.

Donna Haraway (2016) fala das mudanças climáticas como um contexto em que lixos tóxicos são espalhados pelas cidades, assim o avanço do capitalismo foi tão grande que a natureza está à venda. Por isso, é necessária uma rápida recuperação natural. O avanço do capitalismo foi tão grande que uma destruição irreversível pode estar acontecendo. É importante que se crie uma ideia de eco justiça. Os garimpeiros não representam uma ameaça apenas aos Yanomami, mas também à ordem cosmológica existente para que a vida seja possível. Preservar a floresta é preservar uma ordem espiritual que torna possível a vida no planeta Terra. Existe um motivo para o ouro estar escondido debaixo da Terra. A cosmologia Yanomami explica que o ouro seria um metal ameaçador. Esse é um motivo pelo qual as explicações míticas fazem com que o ouro esteja escondido debaixo da Terra. Nos primeiros tempos o céu caiu e Omame enterrou um metal perigoso e deixou para os Yanomami cuidarem de tal metal.

O ouro é apenas inofensivo quando está debaixo da Terra. A Terra para os Yanomami é um céu que um dia caiu. Os brancos são espíritos canibais, ou seja, na perspectiva Yanomami, os canibais são os brancos e não os indígenas. Nos rituais funerários dos Yanomami, os bens materiais são queimados, criando uma cultura que não procura valorizar uma acumulação excessiva.

O ambientalismo é algo criado pelos brancos. Na política, tal pensamento é associado aos povos indígenas, mas culturalmente é algo distinto do que vivenciam. Para os Yanomamis, a floresta está viva e está sendo levada à morte. Durante a Ditadura Civil Militar instaurada no Brasil, os militares tentaram invadir as terras Yanomami, mas não conseguiram por conta do pensamento ambiental. Embora tal pensamento ajude os povos indígenas, tal como se observa no exemplo dado, a ideia de Meio Ambiente mostra uma natureza dividida.

Percebe-se tal divisão quando, nas cidades, encontram-se áreas verdes urbanas. Tal ideia denota a importância de ouvir os atores sociais considerados por Ferdinand (2022) como os negros do mundo. Os Yanomami, como parte de uma comunidade indígena, estão incluídos entre os negros do mundo, logo devem ser ouvidos para que o céu não caia novamente.

Abdias do Nascimento (2016) discute a ideia de Brasil considerando o histórico de colonização. Manuela Carneiro da Cunha (2012) classifica o momento histórico da chegada dos portugueses ao território brasileiro como o momento de chegada ao paraíso, o que é reforçado a partir do século XX por uma imagem de Brasil correspondente à democracia racial, como em Gilberto Freyre. No Brasil, um homem de cor é considerado negro, tendo em vista que, segundo Ferdinand (2022), a ideia de negro não estaria ligada a um fenótipo, mas sim à ideia de que atores sociais presentes no sistema colonial não são capazes de se adaptar. Segundo Nascimento (2016), a História do Brasil é uma História da tentativa de um embranquecimento.

O genocídio dos povos indígenas brasileiros, como Cunha (2012) destaca, que marcou a história da sociedade brasileira, é de inteira responsabilidade dos brancos europeus colonizadores. Antes da colonização, no território correspondente ao Brasil hoje, existiam aproximadamente dois milhões de seres humanos

indígenas. Teóricos como Freyre (1990) dizem que o Brasil herdou o machismo ocidental e não o racismo dos Estados Unidos, porém Nascimento (2016) diz que o cenário histórico que aconteceu no Brasil foi muito semelhante ao que ocorreu na História dos Estados Unidos. Assim, o racismo e o embranquecimento presentes na formação histórica dos Estados Unidos também estão presentes na sociedade brasileira.

Ao destacar o patriarcado na estrutura social brasileira, Nascimento (2016) mostra que o Brasil herdou tal estrutura de Portugal, mas os atores sociais que mais pagaram o preço pelo patriarcado foram os negros. As mulheres africanas e suas descendentes, ao longo da História do Brasil, sofreram abusos e foram estupradas. Freyre (1990) destaca o processo de formação cultural do Brasil como um processo histórico de assimilação e apagamento. Na história da formação religiosa do Brasil, observa-se que a religião católica teve um papel dominante no sentido de ser a religião do colonizador. Os povos negros, para protegerem suas religiosidades, realizavam um sincretismo com a religião católica.

Durante momentos da História do Brasil, a manifestação da fé nas religiões de matriz africana era considerado ilegal. Os povos negros escravizados se viram forçados a cultuar outros deuses, porém os seus deuses eram os orixás. Desse modo, assim como os deuses descritos por Kopenawa e Albert (2019), os orixás são negros no mundo, no sentido de não se adaptarem ao sistema colonial. Nascimento (2019) destaca que os terreiros de caboclos misturam as religiões indígenas com as religiões africanas. O catolicismo, ao longo da história do Brasil, se caracterizou como uma religião colonizadora, ao contrário das religiões indígenas e africanas que tiveram seus deuses silenciados e rearticulados em diferentes arranjos dentro do sistema colonial.

Observa-se que a mistura entre os cultos indígenas e africanos vem se mostrando em maneiras diferentes da fusão com o catolicismo que quis impor às culturas afro-indígenas uma relação com o cosmos. Ao olhar os princípios teológicos das religiões como o cristianismo, Nascimento (2019) destaca o professor Wande Abimbola que mostra que as religiões de matriz africana não se consideram como o único meio de salvação, diferente do cristianismo, que tem a ideia de

salvação como um dos seus pilares. O respeito à fé alheia é um princípio sólido nas religiões de matriz africana.

O cristianismo no Brasil é uma religião dominante, visto que as missas católicas não são perseguidas da mesma forma que os terreiros de candomblé, ou tal como Kopenawa e Albert (2019) mostram no caso dos deuses dos Yanomami, que não foram considerados quando o governo militar tentou invadir suas terras por conta de uma ganância pelo ouro.

Ao falar das manifestações artísticas africanas, Nascimento (2016) destaca que essa também é colonial. Entender a base do conhecimento artístico é importante para uma melhor compreensão da série *Cidade Invisível*. Observa-se uma hierarquia, pois a arte africana é considerada arcaica para o sistema colonial. Ao observar uma obra de arte, destaca-se que essa é fundada tendo como base a estética. Logo a ideia de arte não é neutra, dependendo sempre de quem a avalia esteticamente.

Vilhena (1997) destaca como um valor do conhecimento acadêmico o rigor científico. Nascimento (2016) destaca como um valor da arte a estética. Observa-se que muitas vezes as artes negras são consideradas folclóricas, no sentido de rebaixamento. Desse modo, até mesmo no campo das artes a ideia de folclore estaria ligada a um rebaixamento.

O que é considerado esteticamente belo é a arte europeia. Para que pessoas negras possam fazer arte e serem reconhecidas pelo *mainstream*, elas precisam se aproximar do modelo estético do colonizador europeu. Ao observar o protagonista da série *Cidade Invisível*, percebemos que Eric é apresentado na série enquanto personagem branco. O personagem é filho do Boto. Logo, embora tenha um fenótipo branco, esse deve, ao desenvolver suas histórias familiares, buscar sua origem como filho do Boto.

Nascimento (2016) destaca na literatura o escritor Jorge Amado como uma marca de um autor que criou personagens negros. Já na obra de Monteiro Lobato (2016), o autor deu destaque ao Pedrinho, o protagonista, mesmo resgatando a cultura afro-indígena através de personagens como o Saci e o Curupira.

A ideia de folclore produz estigmas em atores sociais entre os quais se encontram os povos negros e indígenas. Desse modo, um processo silenciador de genocídio entra em curso quando a identidade que não corresponde ao modelo europeu é silenciada. Ao considerar a ideia de uma identidade dominante, Abdias do Nascimento (2016) afirma que o que chamamos de Brasil é resultado de um apagamento das culturas afro-indígenas. Relembramos que Umberto Eco (2011) destaca que os heróis brancos possuem uma comunidade enorme de fãs, o que não percebemos com heróis afro-indígenas como Saci e o Curupira. A proposta de Abdias do Nascimento (2016) é trazer o negro para o lugar de herói, através do teatro. Ferdinand (2022) fala dos povos indígenas como negros do mundo, ou seja, atores sociais que não se adaptaram ao processo de colonização, sendo necessário que valorizassem características como o seu canto e sua dança, algo que Nascimento (2016) fez ao criar o Teatro experimental do negro.

Destaca-se a Marvel e a DC como as empresas que fazem os filmes de super heróis. Embora, geralmente os filmes de super heróis possuam heróis e vilões brancos, a Marvel fez o filme do Pantera Negra, lançado em 15 de fevereiro de 2018 e dirigido por Ryan Coogler. O protagonista do filme é um príncipe que se encontra no ambiente urbano, ou seja, no ambiente que, tal como Lobato (1918) mostra, é cético. Porém, ao retornar para a sua comunidade, observa-se um ambiente natural.

A sua família estava no ambiente natural, o que indica que o ambiente urbano não é um ambiente ancestral. Os museus no filme mostram a ancestralidade africana. No ambiente da família do protagonista, os personagens cantam e dançam músicas africanas, o que indica, tal como Ferdinand (2022) mostra, que é um ambiente em que os negros do mundo se apresentam. O conflito por ser o Pantera Negra é um conflito por manter a tradição, o que não é muito visto em super heróis como Batman e Super Homem. Embora o herói representado pelo filme Pantera Negra seja um super herói, característica que não podemos dar ao Saci e ao Curupira, esse possui uma ancestralidade para recuperar.

Ao considerar o questionamento se o Saci e o Curupira são heróis, é preciso, antes de tudo, considerar que tal conceito foi criado na antiguidade clássica. Paul Veyne (1983) destaca esse período histórico como um momento importante em que os heróis pertenciam a um mundo distante. Em momentos históricos como esse,

heróis como Hércules, Dioniso, Éolo, entre outros, eram cultuados, pois a mitologia grega é composta de deuses, heróis e monstros. Espaços como o Teatro, destacados por Nascimento (2016) em sua crítica cultural, surgiram na Grécia. Em espaços como literatura, cinema e teatro, os heróis se apresentam. A política democrática e representativa, como conhecemos no Ocidente, surgiu na Grécia antiga, apresentando, de certa forma, a ideia de heroísmo ou de mito, podendo levar ao uso perigoso do heroísmo relacionado ao mito em torno da personalidade. Veyne (1983) destaca que não existia na Grécia antiga a ideia de folclore.

Na sociedade brasileira, a ideia de folclore marca uma hierarquização das culturas indígenas e africanas. Mário de Andrade é um folclorista que no livro *Macunaíma*, escrito em 1928, narra a História de um herói que nasceu no mato virgem, dando a entender que o herói folclórico nasce na floresta. Cunha (2012) destaca, no processo de formação do Brasil, a destruição da natureza habitada antes da colonização. Desse modo, podemos entender que o herói presente no folclore brasileiro, segundo Mário de Andrade (2004), é o herói que vem do Brasil profundo que o sistema colonial tentou destruir.

Observa-se, na série *Cidade invisível*, que o Saci e o Curupira, antes de se transformarem em entidades, eram indivíduos. Assim, é possível problematizar em que medida existiria um interesse narrativo atual de representar esses personagens e suas cosmologias para o grande público. Monteiro Lobato (2016) fala que ouviu sobre o Saci pelas mulheres negras da fazenda de seu pai, ou seja, observa-se uma discussão sobre um Brasil profundo, em territórios não urbanos. O herói de Mário de Andrade é Macunaíma, filho de uma mulher indígena, diferente de Monteiro Lobato (2016), que deu o protagonismo ao personagem branco Pedrinho. Andrade (2004) dá o protagonismo a um personagem negro que vem da floresta.

Em seus hábitos cotidianos, o herói de Mário de Andrade gosta de deitar na rede, atitude associada às culturas indígenas brasileiras. Macunaíma também caçava, atividade que vai se perdendo na modernidade conforme a urbanização vai avançando. Ao longo da história, Macunaíma topa com o Curupira, que pede fumo. Assim, Andrade (2004) dialoga com Câmara Cascudo (2012), no sentido de mostrar que o Curupira também gostava de fumo, bem como o desejo por se alimentar da carne humana. Além do Curupira, destaca-se ao longo da história o encontro de

Macunaíma com outros seres encantados como a Mãe do Mato. Ao se encontrar em algum problema, Macunaíma ia para a rede.

Aos poucos, ao longo do enredo, Macunaíma é estimulado a ir para São Paulo para poder ganhar dinheiro. Ao destacar a questão da relação de Macunaíma com a natureza, observa-se o guaraná como uma fruta que esse teve cuidado de plantar. Acontece uma descrição da natureza brasileira.

Perguntaram para todos os seres, aperemas saguis, tatus- mulitas, tejus muçuãs da terra e das árvores, tapiucabas chabós matintaperera plínica-caus e aracauãs do ar, pra ave japilim e seu compadre marimbondo para baratinha casadeira, pro pássaro que grita taim! (ANDRADE, p. 63, 2004).

Em um momento do enredo, Macunaíma teve panema, quando ele reza para o negrinho do pastoreiro. Outra característica de Macunaíma era o gosto pelo banho no rio, que como Gilberto Freyre (1990) diz, vem dos povos indígenas. Ao entrar na água, o herói sentiu frio. Porém, no universo de Macunaíma, a água era encantada por possuir marcas do tempo que se pregava o evangelho de Jesus para os povos indígenas brasileiros. Ao sair do banho, o herói estava branco e loiro, dando a entender que o evangelho de Jesus ao longo da história embranqueceu o Brasil, dialogando com Malcom Ferdinand (2002), que traz o argumento de que os povos indígenas e negros são negros em um mundo colonial, em que o embranquecimento é uma realidade conforme o colonialismo se expande. Ao ver-se como branco, Macunaíma se vê como lindo, mostrando uma estética colonial branca.

Em alguns momentos da narrativa, Macunaíma chega a beber e até fumar, resgatando hábitos de entidades como o Curupira. Logo após virar branco, Macunaíma desenvolveu um fascínio pelas máquinas, podendo indicar uma interpretação de um personagem folclórico que se fascina pela modernidade que tende a ser embranquecida. Ao mesmo tempo em que possui um fascínio pela modernidade, o herói tem hábitos tradicionais como o de comer manga no pé. Nesse sentido, podemos refletir em que medida o herói folclórico não é um herói que se adapta à modernidade, ao mesmo tempo tentando resgatar certas tradições como comer frutas nas árvores.

Um hábito também tradicional do herói é pegar o leite da vaca, hábito que é cada vez mais perdido com a modernidade. Ao pegar um trem para o Rio de Janeiro, um dos objetivos de Macunaíma era fugir do Exu. Ao observar a história de Macunaíma, percebemos que Mário de Andrade (2004) mostra o Curupira enquanto uma entidade que quis comer Macunaíma. Ao observar Exu, percebemos que ele é um orixá. Elaine Pereira Rocha (2002) associa o Saci ao orixá Ossain, porém o comportamento do Saci se aproxima de Exu, logo o aparecimento de Exu na história indica que tal personagem encontrou um orixá com um comportamento parecido com o Saci. Tal orixá queria fazer bagunça. Observa-se que o Saci, assim como o Curupira, é uma entidade de resistência ao poder colonial. A ideia do malandro se trata da resistência ao trabalho imposto violentamente à população negra e indígena.

A ideia de uma só perna tem como marca a escravidão pela qual a população negra foi afetada violentamente, enquanto no caso do Curupira, a marca da resistência ao poder colonial encontra-se mais diretamente na questão ecológica, na medida em que tal entidade permite apenas a caça para comer, ou seja, existe um limitador para a ganância do colonizador. Mário de Andrade faz questão de colocar em seu livro as religiões de matriz africana no Brasil. “Ôh Iemanjá! Anancuruco e Oxum! Três mães da água” (2004, p.104).

As manifestações religiosas de matriz africana, como popularmente são chamadas de macumba, devido aos ritmos da percussão, no universo criado por Andrade (2004), são algo levado a sério. Observa-se também uma relação saudável com o corpo na medida em que personagens importantes da história, como feiticeiras, tiravam a roupa. Ao contextualizar o corpo na História do Brasil, destaca-se que Freyre (1990) mostra que o tabu com o corpo vem do colonizador. Assim, poderíamos perceber o ato da nudez como estranho aos costumes coloniais.

A religiosidade de matriz africana é descrita com base em rituais. Desse modo, é importante refletir quais são os rituais feitos pelos povos colonizados. Ao observar os rituais dos povos colonizadores, Abdias do Nascimento (2016) destaca a famosa missa católica. Andrade (2004) descreve em seu livro rituais de religiões de matriz africana. A famosa oração “Pai Nosso”, cultuada nas missas católicas, é substituída por *exu nosso de cada dia*. Depois da cerimônia religiosa havia a festa em que existiam comidas, bebidas e samba.

Uma das grandes características do folclore brasileiro é a ideia de mostrar as características tradicionais e culturais de um povo. Nesse sentido, Mário de Andrade (2004) fala sobre uma expressão comum usada no Brasil “vai tomar banho”, que ele explica pelo fato de um pássaro ter feito cocô em Macunaíma. Veyne (1983), ao caracterizar a natureza do mito, caracteriza-o como a origem para além dos tempos. Desse modo, ao falar de expressões usadas no cotidiano do povo brasileiro, o autor relaciona com a Literatura. Nota-se um exagero do autor ao dizer que São Paulo é o maior do lugar do universo, dando a ideia de que o Brasil é grande e que a brasilidade é maravilhosa.

Ao refletir sobre a cultura brasileira, é importante lembrar que o Brasil teve, em sua invenção, mitos formadores, entre os quais Manuela Carneiro da Cunha (2012) destaca o mito das amazonas. Mário de Andrade (2004), ao falar sobre a beleza das amazonas, relata que as donas de São Paulo não se contentam com o dom que a natureza lhes deu, dando a entender que a beleza pura existente no mito das amazonas não existe mais na sociedade brasileira. Estas mulheres, segundo Andrade (2004), vivem encasteladas. Ao relacioná-las às amazonas, o autor consideraria uma associação ao surgimento da propriedade privada, que marca as sociedades modernas.

Mário de Andrade chega a mencionar o retorno a um mato virgem, ou seja, a um Brasil originário, algo como diz Alberto Luiz Schneider (2011), que seria recolhido do povo e elaborado como narrativas, assim como por folcloristas europeus, como os irmãos Grimm. A maneira como Macunaíma falava da natureza era de uma forma que relacionava os seres com noções de paternidade, desse modo, existia o pai dos pássaros, o pai dos peixes, o pai dos insetos. Outra característica relatada em Macunaíma é o ato de dormir nu, hábito que é muito próximo à relação que os povos indígenas existentes no Brasil antes do colonizador tinham com seus corpos. O que reforça um argumento de que o herói folclórico deve ser um herói que recupere a ancestralidade de características perdidas com a modernidade.

Ao observar a modernidade, não tem como não fazer uma dissociação entre ela e o colonialismo. Malcom Ferdinand (2002) aponta que a expansão marítima é uma marca histórica para o mundo. Assim, é importante refletir em que medida características ancestrais são perdidas em processos de construção da modernidade

que se impõe no processo histórico da expansão marítima. Ferdinand (2002) pensa sobre a natureza como parte de uma entidade que não se adapta ao processo colonial. Hábitos praticados por Macunaíma, relatados por Mário de Andrade (2004), entre os quais se encontra pegar leite de vaca e caçar, vão se perdendo. Um argumento utilizado pela série *Cidade Invisível* é a ideia de um retorno dos personagens folclóricos para que a sociedade moderna lide com problemas, entre os quais se encontra a crise ecológica, ressaltando que alguma coisa referente às tradições ancestrais afro-indígenas precisa retornar.

Em Macunaíma os grilos falavam uma língua estrangeira, o que nos leva a refletir sobre a perda da língua falada pelos grilos na modernidade. Embora Macunaíma tenha se embranquecido com a água do rio, o personagem faz questão de dizer que é brasileiro, como se isso fosse um orgulho, o que faz lembrar uma ideia presente nos folcloristas de que o Brasil não é uma cópia da Europa, tal como desejaria a ideologia do racismo científico. O Brasil deve ser tratado por sua singularidade.

Em Macunaíma percebemos uma relação profunda com a natureza ao relatar que o pai do sono estava na lagoa. Desse modo, observa-se, tal como Davi Kopenawa e Bruce Albert (2019) propõem em relação à cosmologia Yanomami, a ideia de que as coisas possuem espíritos. Havia no personagem um conhecimento tão profundo da natureza que ele sabia que o pai do sono estava na lagoa, ou seja, era de seu conhecimento onde, dentro da natureza, o espírito correspondente ao sono estava localizado. O fato de os homens não poderem dormir em pé para Macunaíma é explicado por um castigo do pai do sono.

Câmara Cascudo (2012) destaca o Caipora como uma representação do Curupira. Mário de Andrade (2004), por outro lado, coloca o Exu na sua história, sendo que ele é, segundo Elaine Pereira Rocha (2022), uma representação do Saci Pererê. Coloca também, além do próprio Curupira, o Caipora. “A Caipora lá embaixo não sabia que aquela sangueira era do gigante dela e aparava a chuva na macarronada, molho engrossando” (ANDRADE, p. 226, 2004).

A ideia do herói é reforçada por Macunaíma apresentar obstáculos que o herói deve percorrer. Desse modo, embora tal ideia seja formada tendo como base

a mitologia grega, os personagens presentes na tradição do folclore brasileiro vão ao seu jeito sendo adaptados a esse perfil. Para ser um herói, ele deve enfrentar obstáculos tais como os monstros enfrentados por Macunaíma. No caso do Saci de Monteiro Lobato, destaca-se como obstáculo para ambos os personagens o fato de que esses tinham que salvar Narizinho. O objetivo do Saci era ajudar Pedrinho, que foi premiado como o maior herói da trama.

No caso de Monteiro Lobato, Saci destaca-se em atitude como um herói branco. Na série *Cidade Invisível* o protagonista Eric não é um branco estereotipado, na medida em que ele é filho do Boto-Cor-de-Rosa, personagem que, segundo Cascudo (2012), é cultuado na floresta Amazônica. Porém, diante do ceticismo do personagem, os heróis folclóricos, entre os quais se encontram o Saci Pererê e o Curupira, desejam que o personagem Eric volte às suas origens. A mensagem da série dá a ideia de que, para que as sociedades modernas possam enfrentar os problemas ecológicos atuais, é necessária uma volta à ancestralidade, ou seja, aquilo que foi apagado, que foi esquecido.

Krenak (2022) defende como projeto de futuro a ideia de um futuro ancestral. Ao falar dos rios, o autor observa como a civilização ocidental está perto da água, mas não consegue ouvi-los. Dessa maneira, a ideia de ouvir os rios, ou ouvir a linguagem dos grilos, tal como destaca Andrade (2022), aponta para uma ancestralidade. O futuro ancestral é oposto do presente colonial que fez com que realidades como a usina de Belo Monte fossem construídas. Tal realidade também faz com que práticas presentes nas sociedades contemporâneas, entre as quais se encontram o garimpo ilegal, vão de maneira gradual acabando com a natureza, ou seja, com os rios.

O debate colonial é um debate urbano, na medida em que rios famosos, entre os quais se encontram o rio Tietê, se apresentam em estado de puro esgoto. Krenak (2022) cita estudos geológicos que mostram que os rios não estão seguindo o seu fluxo natural. “A água de verdade, que nasce nas montanhas, agora está correndo debaixo de uma laje de pedra que os geólogos constatam ser uma formação de granito e outros matérias muitos sólidos” (Krenak p. 24, 2022).

Povos tradicionais, entre os quais se encontram os caiçaras, são vítimas da especulação imobiliária, de modo que o capitaloceno é representativo de tal cenário. A longo prazo, é possível que os rios do planeta Terra se encontrem cobertos de lamas, tal como é a realidade do rio Tietê. Os orixás, assim como os deuses indígenas, construíram mundos em que é possível aproveitar a vida, o que se constitui por atividades prazerosas como cantar e dançar, o que é oposto ao estimulado pelo sistema capitalista que propõe que os indivíduos se submetam à vontade do capital e adoecem com o trabalho.

Coltro e Bolinerri (2020) falam do holoceno como uma era geológica de estabilidade climática. O antropoceno fala de uma era geológica em que o ser humano altera o equilíbrio ecológico. A ideia do captaloceno aponta que o desequilíbrio ecológico não ocorre por conta de uma ação da humanidade, mas por conta do modo de organização capitalista. Nesse sentido é o ser humano o responsável pela destruição planetária. Os estudos sobre a origem da vida indicam que a vida na Terra surgiu a cerca de 4,5 bilhões de anos.

O neoliberalismo cria uma ilusão de que a natureza está à disposição dos seres humanos. O capitaloceno parte do pressuposto de que o ser humano habita o planeta Terra há mais de 100 mil anos. Desse modo o problema ecológico não seria do ser humano, mas do modo de produção capitalista. Um nome importante para a ideia de capitaloceno é Jason Moore.

Jason Moore é um dos principais autores a problematizar a premissa “pós- -social” do Antropoceno – que o reconhece como agente universal, excluindo entre as suas causas os indivíduos, classes, sistema de poder e de privilégios –, inserindo-o na perspectiva das ciências sociais, mais especificamente da geográfica histórica e da economia política marxista. (COLTRO E BORIELLI, 2020, p. 163).

Coltro e Borinelli (2020) argumentam que o capitalismo é mais que um sistema econômico, é um sistema social. Tais autores discordam que é na Revolução Industrial que estaria a base dos problemas ambientais, pois foi no século XVI que o sistema capitalista começou a surgir. O ser humano está na Terra há cem mil anos, mas o capitalismo é recente historicamente e pode ser a base para uma destruição inimaginável.

O sistema capitalista está na raiz de um mundo colonial. O ser humano faz parte da natureza, logo a ideia de uma natureza intocada é utópica. O problema do mundo capitalista é o desejo de uma dominação da natureza. O capitalismo se pretende infinito tornando-se um verdadeiro parasita. O que torna urgente que modos de socialização afro-indígenas continuem existindo, pois são modos que conviem em harmonia com a natureza tal como pregam-se os valores do Saci e do Curupira.

Discute-se por conta das mudanças climáticas a ideia de fim do mundo. Tal ideia inaugura a série *Cidade Invisível*, em uma cena em que o antigo caçador se mostra preocupado com a diminuição da floresta, porém o mundo em que a contemporaneidade vive já está em colapso. Krenak (2022) mostra que as cidades ocidentais têm origem na *polis* do mundo antigo, que se caracterizava por uma proteção em relação à natureza. Por isso, para o pensamento colonialista, a natureza é um obstáculo. Aos poucos, ao longo da história, o Império Romano ajudou para que características urbanas fossem herdadas do ocidente, porém esse mesmo império deu poder a um homem que corresponde ao imperador César para poder agir livremente sobre os habitantes desse momento histórico.

Ao falar do processo de urbanização brasileiro, Krenak (2022) destaca que muita gente saiu da zona rural para poder liberar áreas para o agronegócio. Ao observar a geografia do mundo, destaca-se que o modo de urbanização da Índia encontra-se em estado diferente do ocidente. Os animais na Índia estão misturados com o resto da população. Desse modo, é importante destacar que a separação rígida existente entre natureza e cultura é algo decorrente do mundo ocidental. A realidade ocidental se constitui por florestas isoladas e um esquecimento da ideia de comum. A ideia de cidade não é exclusivamente ocidental. Krenak (2022) aponta entre os maias e os astecas um modo de sociabilidade em que as cidades estavam presentes, porém existiam nessas cidades um modo de ser coletivo.

Assim como a ideia de meio ambiente, é importante observar como bandeiras defendidas por setores progressistas, dentre as quais se encontra a ideia de direitos humanos, são bandeiras que possuem uma certa limitação ao consideramos o mundo presente no século XXI. Krenak (2022) destaca que a ideia de cidadania, que tem relação com a Declaração Universal de Direitos Humanos possui uma

limitação. Almeida (2013) considera que a florestania se trata da extensão dos direitos da cidadania aos animais, árvores e águas assim como em relação aos espíritos.

A ideia de “florestania”, abordada inicialmente no estado do Acre, expande a ideia de cidadania. Bandeiras defendidas por setores progressistas entre as quais se encontram a cidadania, meio ambiente e ecologia apontam uma separação entre o ser humano e a natureza. A ideia de ecologia vem de meio ambiente e indica que o ser humano está separado da natureza. É importante destacar que esse mundo branco está em crise. A ideia de nação, dentre as quais deve-se destacar a importância para a formação das sociedades modernas, encontra-se em crise, quando, na sociedade brasileira, a bandeira do Brasil, que deveria representar a nação, está sendo usada por grupos autoritários.

Ao abordar a limitação de ideia defendida por setores progressistas, dentre as quais incluem-se os Direitos humanos e a cidadania, Segato (2006) fala que a ideia de Direitos Humanos surgiu com base no internacionalismo, ou seja, na globalização, logo existe um conflito entre o relativismo que a Antropologia defende e a ideia de Direitos Humanos. Logo os Direitos Humanos falam de direitos universais. É claro que existe nos Direitos Humanos o combate à discriminação racial e de gênero, assim como ações afirmativas que beneficiam grupos vulneráveis. Porém uma sociedade globalizada precisa reconhecer a diversidade que nela existe. Logo, se os Direitos Humanos não forem exercidos de forma cuidadosa, esses podem ser um obstáculo às diferenças.

O multiculturalismo marcaria um terceira onda de direitos, ou seja, mesmo considerado que os Direitos Humanos são importantes, é preciso que a nova onda seja multicultural. Os Direitos Humanos entram em conflito com o mundo árabe na medida em que nesse mundo não existe uma separação entre religião e Estado, assim como com o parlamento de Israel, que utiliza a lei de Moisés baseada no Antigo Testamento.

Ao longo da história das colonizações no mundo moderno, utilizou-se de certos humanismos. Porém a missão da Antropologia é tentar fazer com que estes não apaguem as diferenças culturais. Mesmo em uma mini aldeia haverá diferenças,

não se pode exigir menos de um globalizado. Um direito universal das mulheres pode ameaçar um grupo que tenha como base uma economia doméstica. Nesse ponto, a defesa de uma terceira onda de direitos, seria pensar uma versão multicultural dos direitos humanos, pois todas as culturas são incompletas.

Ao falar da crise do mundo branco, Krenak (2022) chega a se referir a uma música do cantor Caetano Veloso que diz não ter pátria, que aponta a ideia de um mundo branco estar em crise não apenas no Brasil, mas no planeta como um todo. É preciso repensar o mundo como um todo, de modo que ideias como a de cidadania vão ficando velhas, pois essas não incluem seres, dentre os quais se encontram: abelhas, tatus, golfinhos, baleias, entre outros. É importante que as crianças na sua infância possam brincar na natureza. Os povos indígenas que tiveram essa experiência na infância possuem na ideia de natureza cosmovisões mais amplas que às que se encontram no mundo branco.

Esse mundo não tem noção da ideia de comum. As mitologias estão vivas e são elas que representam um novo modo de habitar o planeta Terra, tal como se observa no Saci e no Curupira. O modo de sociabilidade dominante ensina a criança a competir. Jovens que questionam tais ideias, dentre as quais se destacam Greta Thunberg, dizem que os estudantes estão faltando aulas por não verem importância nas escolas, o que indica que o mundo branco está em crise.

Macunaíma, o herói de Mário de Andrade, gostava de pegar frutas do mato em um vínculo com a natureza. Este vínculo é reforçado tanto por Monteiro Lobato como pela série *Cidade Invisível*. Nota-se em Monteiro Lobato (2016) uma maestria do Saci no conhecimento do mato e também em Macunaíma o gosto pela caça e pela pesca, o que vem se perdendo na modernidade.

Ao refletir sobre a questão ecológica, observa-se que esse não é um mero detalhe no Folclore Brasileiro. Destaca-se que o Saci é lembrado de forma recorrente no Sítio do Pica-Pau Amarelo em um ambiente natural, que possui uma ideia de exótico justamente pela natureza que está se perdendo com o processo da modernização. O Curupira é um ser que organiza as relações entre humanos e a floresta, visto que a floresta é habitada também para poder viver e se alimentar. Porém, para que a floresta possa ser explorada, é necessário que o caçador só cace

para se alimentar, o que é impossível em uma sociedade de consumo como aquela que existe no capitalismo contemporâneo.

A modernidade é formada sobre a ideia do progresso, o que é questionado por autores como Ailton Krenak (2020). Povos como os indígenas e quilombolas são vistos como um obstáculo a tal ideia. O progresso traz a falsa noção de que a humanidade é capaz de comer dinheiro. Se houver um dia em que não existam peixes na água e as árvores forem todas derrubadas, nesse dia não haverá mais ser humano.

Ao falar sobre as teorias científicas, Krenak (2020) destaca que os cientistas hoje estudam a ideia de que a Terra é um organismo vivo. O autor fala que os povos indígenas tinham a capacidade de ouvir os rios e a floresta, não sendo necessárias teorias científicas para poder explicar que a terra era viva. Ao refletir sobre a teoria de Gaia, é importante compreender que uma das ideias pelas quais a modernidade se desenvolveu foi o conceito de progresso. Nesse sentido, as teorias ecológicas científicas atuais quebram essa ideia e mostram que se tivéssemos ouvido populações, entre as quais se encontram as populações indígenas e africanas, problemas como a crise climática poderiam ser evitados.

Observa-se que mitos com o Curupira e o Saci, tais como representados na série *Cidade invisível*, falam de uma ancestralidade que se perdeu e que precisa ser resgatada para que os problemas presentes na modernidade possam ser solucionados. Ao falar da alimentação moderna, Krenak (2020) aponta que a modernidade, ao consumir seus alimentos, não sabe de onde eles vêm. Hábitos como pegar o leite diretamente da vaca ou frutas do pé descritos por Mário de Andrade (2004) estão se perdendo na modernidade. Observa-se que, na condição moderna, tem-se a dependência de grandes corporações, entre as quais se encontram o agronegócio. A ideia de só caçar para poder se alimentar, reforçada pelo mito do Saci e do Curupira, limitaria o consumo excessivo. Nesse sentido, a ciência moderna mostra que o planeta Terra não aguenta o padrão de consumo da modernidade.

Kopenawa e Albert (2019) mostram que a ideia de uma crise ecológica é um conceito branco, mas a ideia de que os espíritos da caça estão bravos, para Krenak

(2020), é um conceito indígena. Esse pequeno contraste indica que a ciência moderna pode estar caminhando para retornar à ancestralidade. A crise ecológica é uma maneira de a Terra dar sinais de que esse padrão de consumo precisa mudar. Personagens como o Saci e o Curupira são heróis no sentido mais profundo do termo, pois a maneira pela qual tais personagens regulam atividades como a caça e o consumo são essenciais para que o ser humano possa viver no planeta Terra.

A modernidade inventa um tipo de servidão, a servidão ao trabalho. Ao se alinhar ao ritmo da floresta, os povos indígenas mostram que o trabalho, embora seja necessário, pode ser feito em apenas algumas horas. Por que o homem branco não usa o restante do seu tempo para atividades prazerosas como o canto e a dança? Dado esse cenário, fica claro que o momento contemporâneo se trata de uma era em que o ser humano terá que decidir se deseja apertar o botão de sua extinção. É um momento fundamental para que se possa discutir o retorno de mitos como o Saci e o Curupira.

Ao falar de ideias colonizadoras, como a ideia de viver em Marte, Krenak (2020) observa que as condições do planeta vermelho são inadequadas. É mais fácil, no caso de a crise ecológica se agravar, que o ser humano arranje respiradores e máscaras e permaneça em condições desagradáveis no planeta Terra. A ideia de progresso da ciência presente no mundo moderno mostra-se ilusória. A ciência chega a acreditar que é possível ao ser humano ser imortal. Ao mesmo tempo, a composição química do ser humano é de dois terços de água, indicando que nós precisamos do planeta Terra. Desse modo, existe uma contradição entre o progresso que a modernidade promete dar e o que os dados científicos mostram.

A ideia de um progresso ao longo da história da modernidade veio junto com o extermínio de povos indígenas e africanos. Desse modo, eram esses os povos que foram apagados ao longo da história e o mundo contemporâneo é um mundo em que a humanidade como um todo pode ser apagada do planeta Terra. A ideia de natureza de Krenak (2020) não está ligada apenas às árvores ou florestas. O cosmos faz parte da natureza, logo proteger a natureza é proteger a própria vida.

Krenak (2020) cita Foucault para dizer que o capitalismo apenas considera o ser humano útil quando esse está produzindo. O que justifica ideias como a de um

mercado que existe independente da proteção da vida humana. Dessa maneira, pode-se refletir em que medida instituições como o mercado, tal como o neoliberalismo, legitimam ainda a expansão do projeto colonial. Para que o projeto colonial permaneça, fatores como o aquecimento global são úteis.

Ferdinand (2022) pensa o planeta Terra como um negro do mundo, no sentido de o planeta não se adaptar ao projeto colonial. Pode-se refletir em que medida o Curupira e o Saci não seriam heróis decoloniais, na medida em que a memória desses seres faça a sociedade retornar a uma ancestralidade perdida. Ao falar do ritmo do trabalho no mundo capitalista, o autor observa cenários em que mães precisam deixar seus filhos com outras pessoas, fazendo a ideia de uma sociabilidade se perder no capitalismo. Destacam-se em cenários urbanos populações com 2 milhões de pessoas em que existem indivíduos que se sentem sozinhos.

A ideia de ecologia, segundo Kopenawa e Albert (2019), é uma ideia branca que teria nascido da consciência de que os recursos naturais são finitos. A noção presente na ecologia corresponde à ideia de fim do mundo que, para muitos povos indígenas e africanos, é algo que já aconteceu. Sendo assim, o momento contemporâneo corresponde a um contexto em que os problemas trazidos pelos brancos se voltam contra eles próprios. Nesse sentido, o Saci e o Curupira são negros no mundo. Tais heróis precisam voltar imediatamente à cena.

É como se os indivíduos do mundo contemporâneo fossem robotizados ao praticarem atos humanos, como o consumo em larga escala, e não se perguntam de onde vêm os produtos que dão origem ao seu consumo. Isso faz com que o sistema moderno de produção crie a ilusão de que a vida deveria ser útil, quando na verdade ela não é. Krenak (2020) defende que a vida deva ser vivida na sua plenitude. Povos, entre os quais incluem-se indígenas, quilombolas, caiçaras entre outros, se organizam em uma sociedade globalizada para resistir às formas de sociabilidade dominante.

O modo de sociabilidade dominante é considerado por Krenak (2020) uma espécie de servidão, pois o branco que um dia obrigou o povo negro e indígena a servir a ele hoje é servo de si mesmo e não consegue viver à toa no mundo. Tem-se a ilusão de que o trabalho é a razão de vida deles. Desse modo, reforça-se a ideia de

que os males trazidos pelos brancos estão na contemporaneidade, se voltando para eles mesmos. As mudanças climáticas, desse modo, seriam um resultado do mundo colonial que atinge a todos. Os povos originários são a memória de um tempo em que o colonialismo não existia, um tempo que resiste na tradição. Com isso, o colonialismo pode ser comparado a uma máquina que apaga culturas alheias.

Ao considerar a ideia de que a ciência levaria a um progresso, é importante pensar no texto o *Pensamento Selvagem*, de Levi Strauss. Strauss (1976) aponta, com base no estruturalismo francês, uma estrutura comum na espécie humana. Desse modo, a ideia de ciência pode ser feita por várias culturas. O autor indica, ainda, o conhecimento científico como presente na estrutura humana. Dentro das estruturas presentes na humanidade, estão a vontade de saber, que, segundo Strauss (1976), é o que dá base ao conhecimento científico. Porém, no caso dos povos indígenas, a vontade de conhecer ocorre em harmonia com a natureza, ao contrário do que se observa no mundo ocidental.

### 3. Considerações Finais

Ao observar a ideia de Veyne (1983) e Eco (2011) de que a noção de herói está ligada a uma sobrevivência no tempo, pode-se considerar que o Saci e o Curupira são heróis, visto que, segundo Cascudo (2002), o Curupira surgiu em um momento histórico anterior à ideia de Brasil e o Saci se originou no século XVIII e se desenvolveu no século XIX. Desse modo, tais personagens sobreviveram ao longo do tempo. Logo, ao escrever sobre os tipos de heróis em que eles se encaixariam, é importante pensar na ideia de negros do mundo de Ferdinand (2002), no sentido de não se encaixarem no sistema colonial.

Ao falar desse não encaixe, é importante diferenciar o Saci do Curupira. O Curupira surge em um momento histórico em que a ideia de Brasil como um país independente e visto como nação não existia, logo a cultura branca não estava presente no território correspondente ao Brasil hoje. O que indica que problemas como a crise ecológica não existiam. O Saci é escrito por Monteiro Lobato em um momento histórico próximo da abolição da escravidão, logo possui como característica o valor do ócio, indicando um valor que vai contra a colonização imposta ao povo negro. O que faz com que ambos os personagens possuam na sua construção histórica valores que vão contra o colonialismo.

É importante analisar a série *Cidade Invisível* tendo em vista a discussão sobre a noção de negros no mundo. O momento contemporâneo corresponde a um período em que o mundo branco está em crise, que é manifestada através de exemplos dados por Krenak (2022), em que líderes como Greta Thunberg apontam uma falta de interesses dos jovens em instituições fundamentais para o mundo moderno, dentre as quais se destaca a escola.

Ao falar do valor do ócio, é importante destacar autores que abordam o Brasil em perspectiva histórica, tal como Cunha (2012), que aponta a formação histórica da sociedade brasileira como tendo uma de suas características a imposição pelo trabalho à população afro-indígena. Desse modo, o ócio é um valor que indica uma característica de negro no mundo, pois é um valor que vai contra a

colonização imposta pelos europeus ao longo da modernidade, momento em que se forma a ideia de Brasil.

Ao retomar os pontos principais do presente trabalho, é importante destacar como a natureza se encaixa no sistema colonial. Desse modo, ao abordar o Curupira, tem-se como uma marca do personagem a ecologia. Assim, é importante, ao retomar a história da colonização, relembrar como a natureza foi tratada ao longo da história moderna pelo colonizador europeu. Cunha (2012) destaca que o colonizador via a natureza como um obstáculo ao progresso, o que é reforçado por Ferdinand (2022), que diz que a agricultura dos povos indígenas não destruiu a natureza e que o planeta Terra é um negro do mundo, no sentido de não se adaptar ao mundo moderno e colonial. Desse modo, pode-se considerar que o Curupira é um negro no mundo, pois tal personagem possui valores que vão contra a colonização, assim como o Saci, se destacando principalmente pelo valor do ócio.

Fica claro, portanto, que o mundo contemporâneo é um mundo em que valores que vão contra a colonização precisam retomar. Observa-se, com a problemática ecológica, a ideia de fim do mundo, o que para muitos povos indígenas e negros foi uma realidade. Sendo assim, os males provocados pelos brancos retornam contra eles mesmos, fazendo-se necessário que o Saci e o Curupira voltem e sejam considerados heróis. Isso porque, o mundo contemporâneo é um mundo branco e em crise. Os males provocados pelos brancos retornam contra eles em vários aspectos no mundo contemporâneo. Por essas razões, é um mundo em que a memória dos seres presentes no folclore brasileiro, dentre os quais se destacam o Saci e o Curupira, precisa retornar.

#### 4. Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. **São Paulo: companhia das letras**, v. 305, 2008.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. Rio de Janeiro: Jose Olympio 2004.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. Caipora e outros conflitos ontológicos. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 5, n. 1, p. 7-28, 2013.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de; CORRÊA, Joana. **Enlaces: estudos de folclore e culturas populares**. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2018 in NASCIMENTO, Elisabeth Costa o mundo da astrologia.

COLTRO, Fábio Luiz Zanardi; BORINELLI, Benilson. Antropoceno e Capitaloceno: novas perspectivas, velhos combates. **Debates Interdisciplinares XI**, p. 157-175, 2020.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. Editora Companhia das Letras, 2012

DE SOUSA, Ricardo Alexandre Santos. A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 6, n. 1, p. 21-34, 2013.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016. ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Florestan – **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. I, caps II e III. São Paulo: Editora Ática, 1978.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Ubu Editora, 2022

FREYRE, Gilberto– **Sobrados e Mucambos**. caps. III, IV, V e XII. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **Clima Com Cultura Científica**, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Editora Companhia das letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das Letras, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1976). **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Cap 1: A ciência do concreto

LOBATO, Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

LOBATO, Monteiro. **O Saci: resultado de um inquérito**. São Paulo: Biblioteca Azul, 1918. NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016

NEVES, Marcia das. A concepção de raça humana em Raimundo Nina Rodrigues. **Filosofia e História da Biologia**. 3.1 (2008): 241-261.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 42, 2011.

ROCHA, Elaine Pereira. Saci-Pererê e São Benedito: entidades negras, religiosidade e memórias da escravidão. **Fronteiras**, v. 24, n. 43, p. 54-69, 2022.

SEGATO, Rita. (2006). **Antropologia e Direitos Humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais**. *Mana* 12(1): 207-236

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?: uma ideologia estética e sua história: o naturalismo**. Achiamé, 1984.

RIBEIRO, P, J. Discutindo práticas e representações com imagens. **Cadernos de Antropologia e Imagem** 23 (1), p. 153-176, 2007.

ROCHA, Elaine Pereira. Saci-Pererê e São Benedito: entidades negras, religiosidade e memórias da escravidão. **Fronteiras**, v. 24, n. 43, p. 54-69, 2022.

VEYNE, Paul. Os gregos acreditavam em seus mitos. **Ensaio sobre a imaginação constituinte**, v. 1, 1983.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão o movimento folclórico brasileiro 1947- 964**. Rio de Janeiro Funarte; Fundação Getúlio Vargas, 1997.

## Filmografia

**CIDADE INVISÍVEL**. Série televisiva. 1ª temporada (episódios 1,2,3,4,5,6). Criador: Carlos Saldanha. Netflix Brasil, 2021. 2ª temporada (episódios 1,2,3,4,5)

**PANTERA NEGRA**. Direção Ryan Coogler, produzido por Kevin Feige e produtor por Kevin Feige, ano de produção 2018.